

Quando trabalhamos com representações sobre algo, neste estudo o letramento digital, na verdade estamos nos perguntando qual o impacto das novas tecnologias na maneira de pensar e de se relacionar dos discentes em questão.

A nova LDB e as transformações ocorridas no âmbito educacional têm levado à reestruturação dos currículos mínimos de licenciatura, revelando a necessidade permanente de adaptar-se a uma sociedade globalizada, cujas exigências de qualificação para ingressar no processo produtivo, entre outros fatores, nos cobram ações que favoreçam a democratização do acesso às novas tecnologias da informação e comunicação e o repensar o processo de construção do conhecimento, sendo necessário rever os critérios de seleção e produção dos conteúdos e métodos educacionais utilizados dos cursos.

O documento *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2000, p. 23), ao abordar sobre “O papel da educação na sociedade tecnológica”, busca salientar que:

O novo paradigma emana da compreensão de que, cada vez mais, as competências desejáveis ao pleno desenvolvimento humano aproximam-se das necessárias à inserção no processo produtivo. (...) aceitar tal perspectiva otimista seria admitir que vivemos uma circunstância histórica inédita, na qual as capacidades para o desenvolvimento produtivo seriam idênticas para o papel do cidadão e para o desenvolvimento social. Ou seja, admitindo tal correspondência entre as competências exigidas para o exercício da cidadania e para as atividades produtivas, recoloca-se o papel da educação como elemento de desenvolvimento social.

As diretrizes curriculares, por sua vez, dão ênfase à competência na utilização de recursos da informática como uma necessidade de caráter geral na formação do futuro professor, geralmente também evidenciada como parte integrante do perfil do egresso dos cursos de licenciatura, ou seja, o mesmo deve ser capaz de “*fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente*” (BRASIL, 2002).

Esses documentos oficiais mostram a prioridade das novas tecnologias na formação dos profissionais da educação, principalmente na formação do(a) professor(a) da educação básica, mostrando que abordar sobre a educação superior

nesta sociedade implica investigar suas novas características e significação contextual, partindo da reflexão baseada na mudança de paradigma.

A investigação de um fenômeno, por sua vez, por mais importante que ele seja, e aliada ao desejo do pesquisador, não bastam. É preciso sair do campo da opinião e validar esse fenômeno cientificamente, e isso exige tempo, esforço, dedicação, reflexão, um ir e vir constante no processo de elaboração, até que se encontre um caminho, ou os caminhos possíveis às finalidades do objeto investigado.

Acerca disso, Charlot (2000 p. 6)⁴⁶ orienta para os cuidados que nós, pesquisadores, devemos ter nesse momento da análise, no sentido de nos proteger contra as possíveis evidências e procurar descrever o fenômeno, dando a palavra àqueles que estão envolvidos nas situações e nas práticas, ciente de que ninguém é transparente para si mesmo e que dizer a sua prática é colocá-la em palavras, como ele afirma: “[...] o pesquisador tem uma tarefa a executar para tornar o seu objeto de estudo científico e isso enseja tirá-lo do campo da opinião”.

Nessa perspectiva, organizamos este capítulo em quatro tópicos. No primeiro, consta a análise dos projetos políticos pedagógicos das licenciaturas ofertadas pela UEPA e, em específico, o do Curso de Letras. O segundo apresenta o perfil dos discentes do Curso de Letras em relação às tecnologias digitais. O terceiro apresenta os resultados da produção dos dados resultantes da aplicação do instrumento de pesquisa aos discentes ingressantes, no ano letivo de 2008, no Curso de Letras ofertado pela Universidade do Estado do Pará, e aos prováveis concluintes do ano de 2009, com ênfase no letramento digital desses alunos e as representações construídas por eles, os envolvidos na pesquisa, sobre computador e internet, tendo como contraponto o livro e a televisão. Além desses dados, consta uma análise comparativa entre eles. O quarto tópico apresenta uma breve reflexão sobre inferências, deduções, interpretações, ou seja, aproximações possíveis entre este estudo e o desenvolvido pela Prof^a Dr. Aparecida Mamede, amplamente mencionado no texto.

⁴⁶CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. In: **Revista Brasileira de Educação**. V. 11, n. 31. jan./abr. 2000.

4.1

Os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de licenciatura da UEPA

Antes de analisar os PPP dos cursos de licenciatura da UEPA, é necessário discorrer sobre modelos de formação docente no Brasil, bem como sobre o contexto social contemporâneo.

Nos anos 30, a preocupação com a formação docente para a escola secundária fomentou a criação das licenciaturas nas antigas Faculdades de Filosofia. De início, elas apresentaram a fórmula “3+1”, na qual prevalecia a justaposição das disciplinas de natureza pedagógica às disciplinas de conteúdo, embora as primeiras tivessem a duração prevista de um ano e as outras de três anos.

Esse modelo de formação, segundo a literatura nacional, é denominado de racionalidade técnica. Nele, o professor, sendo concebido como um técnico/especialista, precisa ter em sua formação um conjunto de disciplinas científicas e pedagógicas, que possibilite as bases para a aplicação dos conhecimentos oriundos dessas disciplinas, em sua prática futura. Para esse modelo, é muito forte a crença de que um bom professor precisa dominar tão somente a área do conhecimento específico que vai ensinar e, devido a isso e a outros pontos recebeu muitas críticas, dentre as quais se destacam: a separação existente entre teoria e prática na preparação profissional, a sobreposição da formação teórica em relação à prática, a prática concebida como espaço de aplicação de conhecimentos teóricos.

Outro modelo que ganhou espaço educacional é denominado, na literatura especializada, de modelo da racionalidade prática. Nele, o professor é visto como profissional autônomo, criador em sua ação pedagógica. A prática, nessa concepção, é considerada como lócus de aplicação dos conhecimentos, mas também, como espaço de criação e reflexão.

Nas propostas curriculares assentadas no modelo da racionalidade prática, as disciplinas de conhecimento científico e pedagógico se apresentam de forma articulada e a prática é destacada como eixo central da formação docente pretendida, perpassando por todo currículo, desde os primeiros anos/séries do curso de formação.

No contexto de priorizar ou não a prática aliado à premência que sempre “circulou” em volta da formação docente, foi delineado o risco da improvisação no preparo dos profissionais da educação, quando, em nome da urgência, a prática entendida como formação em serviço deixa de ocupar um espaço significativo nos desenhos curriculares dos cursos de licenciatura.

Tardif, Lessard e Lahaye (1991), em seus estudos, indicam que o saber docente é plural, estratégico e desvalorizado, cuja composição abrange diversos saberes, oriundos da formação profissional, das disciplinas, dos currículos, da experiência. Nessa perspectiva e com base em uma vivência docente, de mais de três décadas, atuando na educação básica e ensino superior, posso afirmar que para ser um bom professor, não basta apenas ter domínio de conteúdos específicos e pedagógicos, é preciso experienciar, praticar, ressignificar os conhecimentos adquiridos e construídos em novos conhecimentos diante da realidade escolar.

No momento histórico contemporâneo, perceptíveis ou não, se fazem presentes as marcas das transformações em todos os campos de conhecimento, cultura e vida social. Impossível não reconhecê-las, posto que são geradas pelas “inovações” tecnológicas e indiscutível valorização da informação. Nesse contexto, exigências são postas à educação⁴⁷, entre essas, outra abordagem educacional, em que o componente tecnológico não pode ser ignorado.

Os processos de aquisição e produção de conhecimento na chamada Sociedade da Informação assumem função de destaque e exigem profissionais críticos, pensantes, com capacidade de se conhecer como indivíduo, de aprender a aprender e de trabalhar em grupo. Para tal, primeiramente é preciso que os indivíduos sejam incluídos no meio social, ou seja, que participem dos usos e costumes de um determinado grupo, o que lhes possibilita a inclusão social.

Todo cidadão, incluído socialmente, usufrui dos direitos e deveres pertinentes a um determinado grupo social, dentre eles, a oportunidade de aprender a usar novas tecnologias para acessar toda e qualquer informação necessária para sua vida em sociedade. É a inclusão digital, a democratização do acesso às tecnologias da informação, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação.

⁴⁷O termo educação é usado, nesse contexto, no sentido de escolarização.

A implementação das novas tecnologias de comunicação e informação, na área educacional tem o analfabetismo digital como um impasse, pois ser letrado digital implica em entender o funcionamento dos sistemas de navegação, descobrir os caminhos virtuais por onde trafegam as informações a fim de transformá-las em conhecimento, sendo, portanto, a educação um grande e importante parceiro da inclusão digital, devendo esta ser componente do processo de ensino, estar integrada aos conteúdos curriculares de todos os níveis de ensino.

Cabe à instituição escolar formar esse profissional, de maneira que ele desenvolva, além da instrução básica, novas competências, em termos de inovação, criação a partir do já existente, autonomia, comunicabilidade e “adaptabilidade” ao desconhecido.

4.1.1

A análise dos Projetos Políticos Pedagógicos

O CCSE, localizado na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, em nível de graduação, oferta seis (06) cursos de licenciaturas: Letras, Matemática, Pedagogia, Ciências da Religião, Ciências Naturais e Música, cujas atividades acadêmicas são desenvolvidas em Belém e nos treze (14) núcleos universitários sediados nos municípios deste Estado: Altamira, Barcarena, Cametá, Conceição do Araguaia, Igarapé-Açu, Marabá, Moju, Paragominas, Redenção, Salvaterra, Santarém, São Miguel do Guamá, Tucuruí e Vigia.

O cerne da análise incidiu nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura ofertados pela CCSE/UEPA que norteiam o aprendizado do futuro docente, com foco direcionado para a inserção/exclusão do conhecimento digital na vida acadêmica, e se este, caso haja, propicia ou não condições de aplicabilidade dos conteúdos da formação no campo profissional.

Essa análise considerou os conceitos empregados pelas teorias do currículo (Silva: 2007), segundo a visão tradicional que concebe o currículo como um arcabouço de disciplinas e uma visão mais moderna, que o compreende como uma rede de significados identitários e “cheios” de poder e a visão de Pretto (2006), sobre as inovações tecnológicas ampliarem as possibilidades educacionais, gerando “novos” processos, “novas” estruturas, que estimulam, provocam e

facilitam o trabalho colaborativo na escola, rompendo com a “lógica da hierarquia vertical, com delegação plena de poderes e representantes”.

Nela, o professor foi considerado o mediador do processo ensino-aprendizagem e, como tal, segundo Tardif (2007), é ator competente e sujeito do conhecimento e, portanto, constrói seus saberes, outros conhecimentos e competências e novas teorias/práticas. Os alunos foram concebidos como destinatários de um currículo que pretende ser norteador do caminho profissional, que, para Silva (2007:147), é uma “questão de saber, identidade e poder”, tanto que deverá atentar para transformações sociais, vivência dos alunos e relações que se instauram dentro e fora dos ambientes formais de escolarização.

A produção dos dados requereu um trabalho com descrição, comparação e interpretação para dar sentido às escrituras dos documentos analisados, tendo em vista a busca por marcas indicativas de letramento na perspectiva de inclusão digital na formação dos futuros docentes.

Os cursos de graduação oferecidos pelo CCSE objetivam a formação de profissionais que irão desempenhar a função docente e são concebidos a partir de um conjunto de diretrizes, nomeado de Projeto Político Pedagógico que, segundo Passos (1995), é a própria organização do trabalho pedagógico, caracterizada por duas dimensões: a política e a pedagógica, respectivamente, no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade e de definir as ações educativas e as características necessárias para o cumprimento de propósitos e intencionalidade pelas instituições. Esse conjunto de diretrizes e estratégias que expressa e orienta a ação pedagógica deles e visa o alcance dos objetivos traçados, não é concebido como algo estanque, pronto e acabado e sim como um processo dinâmico, submetido a acompanhamentos permanentes durante cada etapa da implementação dos cursos.

Documentos institucionais⁴⁸, de ordem administrativa, enunciam que todos os cursos em questão tiveram sua criação regulamentada por meio de um ato jurídico, obtiveram a autorização para o funcionamento e o reconhecimento enquanto cursos de graduação pelo CEE⁴⁹.

⁴⁸ Documentos institucionais, de ordem administrativa se referem às resoluções e portarias emitidas pelos órgãos institucionais competentes.

⁴⁹ Conselho Estadual de Educação (CEE).

Os PPP das licenciaturas da UEPA contemplam o registro da missão e dos objetivos da instituição de ensino, enunciam o histórico e os objetivos dos cursos, as concepções sobre o mundo, a sociedade, o homem e a educação, os fundamentos ético-pedagógicos, epistemológicos e didático-pedagógicos. Os históricos são diversos, pois as trajetórias são marcadas pela diversidade, corroborando com Gadotti (2002) quando afirma que cada espaço escolar é resultado de um processo de desenvolvimento de suas próprias contradições.

Norteados por uma linha mestre de base ético-humanística e técnico-científica, os PPP se caracterizam por uma concepção filosófica, que, embora enunciada de formas diversas, tem como cerne, a visão de totalidade do Homem, da Sociedade, da Educação e do Saber, inspirando a compreensão do mundo a partir das relações abstratas e concretas, que as constituem e determinam. Assim, nos projetos está inscrita a visão de mundo como o espaço no qual ocorrem interações sociais caracterizadas pelo conhecimento e diversidade cultural; de sociedade como fruto das relações entre as pessoas, fundada na crítica, reflexão, igualdade, democracia e integração; de homem como ser social, sujeito da história, que modifica a si mesmo e a sociedade pela apropriação do conhecimento; de educação como um processo de produção e de apropriação de conhecimento que possibilite ao cidadão o exercício da cidadania. Tais concepções assinalam a inclusão social como movimento maior, o que vislumbra a inserção do futuro profissional no mundo digital.

Com essa perspectiva, os PPP dos cursos do CCSE/UEPA se apresentam alicerçados em três grandes pilares: os fundamentos ético-pedagógicos, os epistemológicos e os didático-pedagógicos. Na parte dos fundamentos ético-pedagógicos, percebemos reflexo das políticas, finalidades, objetivos e princípios que norteiam e identificam a instituição de ensino, no que se refere aos valores éticos e políticos. Os fundamentos epistemológicos referem-se ao conhecimento e forma de aquisição, ou seja, à definição da linha pedagógica em que os cursos desenvolvem suas atividades. Os fundamentos didático-pedagógicos descrevem os “papéis” do conhecimento do professor, do aluno, bem como dos demais segmentos existentes na estrutura organizacional e as relações instauradas dentro e fora da comunidade acadêmica.

No cerne dos objetivos dos cursos em questão, há uma característica comum que incide na formação do professor-educador, sempre atentando para a

concretização do desenvolvimento tão almejado do Estado *pari passu* com a permanente valorização do homem e de sua cultura. Outra marca comum presente em todos os objetivos dos cursos é a competência para o exercício da docência. Com essa perspectiva, cada curso objetiva a formação docente dentro de um campo de conhecimento específico, ou seja, da linguagem, da matemática, da música, pedagogia, da religiosidade e dos fenômenos naturais.

A articulação entre teoria e prática se constitui como uma importante característica dos projetos, nos quais a ação pedagógica é permeada pela concepção de que a realidade é compreendida quando o sujeito, agindo sobre o mundo, propicia o entendimento da natureza dos fenômenos, e, conseqüentemente, a produção de conhecimento. Essa característica da ação pedagógica suscita a compreensão de que os futuros profissionais sejam conscientes da sua inserção na sociedade e das suas relações com seus semelhantes. Essa consciência implica inclusão social e, conseqüentemente, acesso à descoberta dos caminhos virtuais em que trafegam as informações, a fim de transformá-las em conhecimento.

Nos projetos a formação científica é considerada prioridade na busca do conhecimento, tanto que a pesquisa é enunciada como fio condutor dos cursos e concebida como atividade norteadora do processo de aquisição das competências e habilidades. Os cursos, concebendo a pesquisa como mola mestra do desenvolvimento de suas atividades, demonstram receptividade à inserção das tecnologias na prática pedagógica, caso seja considerado o fato de que, atualmente, nos ambientes virtuais, se encontra disponível um vasto banco de informações, matéria-prima da pesquisa.

Nos documentos analisados, dois aspectos são comuns aos cursos: a interdisciplinaridade e o princípio democrático. O primeiro entendido como *práxis* sustentada pela interação das áreas de estudos, conteúdos, procedimentos metodológicos e avaliativos, além de toda organização do ensino e produção do conhecimento e, o segundo, construto da autonomia curricular, concebida como sustentáculo de práticas do processo educativo, de cunho coletivo, interativo, participativo, construtivo e cooperativo.

A flexibilidade curricular e o princípio da descentralização são também características comuns aos projetos. A primeira, sendo consubstanciada ao nível específico da organização curricular e alicerçada em uma concepção teórico-

prática, estabelece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A outra se configura em termos de tomada de decisões concernentes à composição curricular e programação de atividades culturais.

A receptividade, gerada pela forma como os projetos dos cursos concebem a pesquisa, também se faz presente quando se trata de questões pertinentes à interdisciplinaridade, ao princípio democrático e à flexibilidade curricular. A primeira traduzida pela busca da superação do fracionamento do conhecimento, a segunda oportunizando a participação de todos aqueles que “fazem” os cursos e a última, delineando os limites das ações disciplinares em um mundo mais amplo, com a existência de diferentes “fazer/saberes” no cotidiano escolar.

Todas essas características implicam em uma concepção de *práxis* educativa como a enunciada por Libâneo (2008: 17) que, em outras palavras, significa uma produção cultural humana, ética e política, como formadora integral do homem, compreendido como ser reflexivo, crítico, dialógico, investigador, problematizador, aberto ao transcendente e sujeito do conhecimento e da história: “processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-los em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade”.

Os PPP, em relação ao perfil dos formandos, também comungam do domínio, consciência, reflexão, uso e crítica dos fenômenos que se constituem como alvos de estudo, somente se diferenciando na questão do tipo de fenômeno. Ou seja, o lingüístico-literário, o religioso, o matemático, o musical, o processo político-pedagógico e o biológico, químico e físico, que correspondem, respectivamente, aos cursos de Letras, Ciências da Religião, Matemática, Música, Pedagogia e Ciências Naturais. A consciência de que a formação profissional deve ser compreendida como processo contínuo, autônomo e permanente é também um aspecto integrante do perfil do futuro profissional de todos os cursos, que se alia à expectativa do aluno, ao final do curso, em ser possuidor de um embasamento teórico-prático, comprometido com as questões atuais da região e do contexto local, articulando-as com o mundo, sendo capaz de intervir como propositor na sociedade em que vive.

A forma como é enunciado o perfil do futuro profissional dos cursos, sempre voltado para o exercício da função docente, evocando, em sua construção, termos como competência, capacidade, criatividade, consciência crítica,

compromisso, intervenção, cidadania, inserção social, exclui a possibilidade de se colocar a inclusão digital à margem do processo, visto que, para mediar em sua realidade social, atualmente marcada pela “revolução tecnológica”, o mesmo precisa de uma formação que o capacite para enfrentar os desafios contemporâneos.

Nesses projetos, o perfil dos formandos tem estreita relação com o objetivo de cada curso, e se consubstancia nas competências e habilidades que se constituem nas características identitárias do profissional que irá exercer a docência e determinam os conteúdos e atividades que possam constituir uma base consistente para a formação do futuro docente.

O trabalho pedagógico articulador das habilidades e competências, a partir da prática da pesquisa, alicerçado nos estudos dos fenômenos específicos, prioriza a abordagem intercultural, na qual, o diálogo, a interação e a reciprocidade são sempre buscados em grupos diferentes como forma de crescimento. Ampliam-se, assim, o significado dos conteúdos curriculares dos cursos, que passam a incluir uma concepção mais abrangente de cultura, como expressão do pensamento, sentimento e da atuação do grupo social, o que possibilita, entre outros fatores, a análise do caráter transitório dos conteúdos, uma vez que os seres humanos pensam, sentem e agem geralmente movidos por disposições, provocadas por situações e conforme as condições.

A composição curricular⁵⁰ dos cursos da instituição, inscrita nos PPP de cada um, abrange: forma de organização, integralização curricular, carga horária e distribuição dessa carga horária. Todos os cursos, segundo a área de conhecimento na qual estão inseridos, elegem linhas de pesquisas, que norteiam o trabalho acadêmico, tanto do docente quanto do discente.

Pelo analisado, as matrizes curriculares, ou desenhos curriculares⁵¹ dos cursos são baseados no modelo de racionalidade prática, o qual, segundo Pereira (1990), define a ação pedagógica do professor como um fenômeno complexo, singular, instável e carregado de incertezas e conflitos de valores e concebe a prática como *locus* da aplicação de um conhecimento científico e pedagógico e como espaço de criação e reflexão, no qual novos conhecimentos são, constantemente, gerados e modificados.

⁵⁰Ver apêndice 1 – Composição curricular dos cursos de graduação da UEPA.

⁵¹Ver anexos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 – Desenhos curriculares das licenciaturas do CCSE/UEPA.

Pelos parâmetros da visão tradicional de currículo, destaca-se nas matrizes curriculares, a presença de indicativos da inserção do letramento digital no processo de formação dos docentes, referentes aos cursos de Pedagogia, Matemática, Música e Ciências Naturais marcada pelos componentes curriculares: Tecnologia Educacional, Computação, Informática Aplicada à Música e Tecnologia inorgânica e suas contribuições para a vida social. Nos cursos de Letras e Ciências da Religião, componentes curriculares dessa natureza são ausentes. Vale ressaltar que tais componentes curriculares, segundo suas ementas, são fundamentados pela concepção reducionista de tecnologia, pela qual a inserção tecnológica é vista como solução dos problemas educacionais, como sinônimo de uso, como meio possibilitador do acesso ao mercado de trabalho.

Em meu entendimento, esse fato revela a necessidade do desenvolvimento de uma leitura crítica da tecnologia e do mundo tecnológico, para que, assim, se desvende a importância ou não de uma formação que não esteja distanciada da inserção dos instrumentos digitais e que promova o desenvolvimento de habilidades específicas para o ensino, bem como para a inserção pessoal de cada formando nas redes de informação, no que tange ao engajamento em hábitos culturais e domínio de conhecimentos específicos.

Embora de maneira sutil, os PPP anunciam a presença da perspectiva digital com o registro de “uso de novas tecnologias” nos enunciados alocados sob a forma de “perfil dos formandos”, confirmando a representação da tecnologia como sinônimo de uso. Como esses registros, segundo os ementários das disciplinas dos cursos, não se cristalizam de forma plena nos componentes curriculares, é fácil a dedução de que os processos tecnológicos manifestados na sociedade são, muitas vezes, percebidos somente como objetos, instrumentos facilitadores das tarefas do cotidiano; que os educadores não percebem os processos tecnológicos como presentes na organização do currículo, sem que sejam sinônimos de disciplinas, nas manifestações criativas dos alunos ou na diversidade de sua prática pedagógica; que a relação docente/discente com as práticas digitais e com os processos de aprendizagem neste tempo de inovação tecnológica se distancia do que é vivido fora do ambiente acadêmico.

Há, também, a pressuposição de que a formação dos professores proposta nos PPP não demonstra a existência mínima de iniciativas de um trabalho que integre a questão da aprendizagem e os recursos tecnológicos presentes na

contemporaneidade. As licenciaturas, espaço de formação inicial, convivem com matrizes curriculares incompatíveis com a sociedade mergulhada na informação globalizada, atuando como se as tecnologias digitais ainda não tivessem sido inventadas, sem atentarem para o fato de que o futuro profissional precisa desenvolver uma postura crítica em relação aos benefícios proporcionados por aquelas, bem como ter consolidadas habilidades e competências diante dessas inovações tecnológicas, facilitando, assim, a sua cotidianidade vivenciada no trabalho, no estudo, em casa ou no lazer.

Kleiman; Matêncio (2005:9), considerando “o modo de conceber a realidade social, como uma construção pelos participantes das ações sociais, construídas conjuntamente, nas e pelas interações cotidianas nas instituições de vida social”, formularam um questionamento que passou pela obra delas como um todo:

Como formar nossos alunos para exercer suas funções de agente de letramento na escola e na comunidade, de forma independente, flexível e consciente da importância da escrita nos processos de transformação identitária vividos no ambiente escolar?(idem, p. 9-10).

A preocupação das autoras reporta-se a uma época em que a escola enfrentava desafios em termos do letramento da cultura escrita. Atualmente, a realidade é outra, o letramento alcançou o âmbito digital. Assim, com as tecnologias de informação e comunicação operando profundas transformações cognitivas, sociais e culturais na sociedade e configurando a necessidade de novas modalidades de práticas sociais pertinentes à leitura e escrita, se tornou condição *sine qua non* a criação de metodologias de formação de leitores que incorporem os instrumentos e mecanismos digitais.

Atualmente, um dos desafios para as instituições educacionais é pensar a sua função social em uma sociedade que se transforma com uma velocidade espantosa, em alguns aspectos, já em outros não admite mudanças. O mundo acadêmico, caminhando paralelo às transformações sociais, pode e deve contribuir para que os currículos, retratos dos cursos, não sejam cristalizados, não expressem a modernidade apenas pela presença de computadores nos espaços acadêmicos, mas que possam viabilizar a construção de um conhecimento partilhado sobre a cultura tecnológica da informática e suas potencialidades, no que tange o uso do computador e da internet.

4.2

As tecnologias digitais na formação dos discentes do Curso de Letras da UEPA

No art. 43 da LDB/96, que trata das finalidades da educação superior, a questão tecnológica se faz presente, quando é enunciado como finalidade:

incentivar o “trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

Na mesma perspectiva da Lei, destaca-se o Parecer 492/CES de 2001, o qual dispõe, dentre outras, as diretrizes curriculares para os cursos de Letras, considerando os “desafios da educação superior diante das intensas transformações que têm ocorrido na sociedade contemporânea, no mercado de trabalho e nas condições de exercício profissional” e concebendo as universidades como “instâncias voltadas para atender às necessidades educativas e tecnológicas da sociedade”. Com essa concepção estabelece no rol das competências e habilidades a “utilização dos recursos da informática”.

Essa perspectiva legal se estende para o âmbito institucional, posto que no Estatuto e Regimento Geral da UEPA, dentre os seus princípios fundamentais, está inscrito o desenvolvimento da tecnologia.

A despeito do governo do Pará anunciar o lançamento do maior projeto de inclusão digital do país, o já mencionado Navegapará (2007), ligando sua rede local de fibra ótica (Metrobel) à estrutura da Eletronorte para levar internet de alta velocidade à população, o que seria, sem dúvida, além do benefício tecnológico, uma otimização dos recursos do próprio estado, dados do IBGE/PNAD (2008) dispostos na Tabela 11, registram um baixo percentual de pessoas residentes no Pará com acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Sem contar que, aos olhos das pesquisas institucionais, o Pará contribui com mais de 4% de toda a população adulta sem escolaridade no País⁵².

⁵²Fonte: Jornal **O Liberal**, de 19/7/2009, Caderno *Atualidades*.

Tabela 11 – Percentual de pessoas com acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal no Pará

Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses	23,9	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas, que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses	22,7	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, no domicílio em que moravam	30,3	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, no local de trabalho	22,0	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, em estabelecimento de ensino	13,3	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, em centro público de acesso gratuito ou pago	60,2	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, para educação e aprendizado	71,6	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, para comunicação com outras pessoas	77,0	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, como atividade de lazer	63,1	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, para leitura de jornais e revistas	37,2	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que não utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, porque não tinham acesso a micro-computador	24,6	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que não utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, porque não achavam necessário ou não queriam	27,9	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que não utilizaram a internet no período de referência dos últimos 3 meses, porque não sabiam utilizar a internet	43,6	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que possuíam telefone celular para uso pessoal	43,7	%

Fonte: IBGE/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/2008)

No PPP do Curso de Letras, a questão tecnológica se faz presente nos enunciados pertinentes ao perfil do profissional a ser formado, como também às competências e habilidades a serem adquiridas durante a formação acadêmica. Entretanto, os enunciados não são incorporados pelos componentes curriculares

que consolidam o desenho do curso. Na verdade, a tecnologia é vista como uma ferramenta a ser utilizada no desenvolvimento de atividades acadêmicas, mais especificamente, no uso da Internet como instrumento de consulta e de produção de materiais de interesse para tarefas solicitadas pelos professores.

É preciso que, na formação inicial, os futuros docentes sejam instrumentalizados para a exploração das potencialidades dos recursos tecnológicos passíveis de serem usados no processo ensino aprendizagem, para que no futuro possam ultrapassar os limites da posição de consumidores de conteúdos da Internet.

O aspecto legal da utilização dos recursos tecnológicos é visualizado no plano teórico, configurando-se como um imperativo no paradigma curricular operacionalizado pelos cursos de licenciatura. Na prática, são inúmeras as razões para que o uso desses recursos ainda seja mínimo nos espaços de sala de aula, as quais perpassam pelo tradicionalismo que ainda persiste nos espaços escolares, pela resistência e preconceito em relação às mudanças que sugerem transformações no perfil dos cursos.

Atualmente, o uso das tecnologias é marca incontestável do cotidiano pessoal ou profissional dos indivíduos. De um lado, esse uso propicia a criação de ambientes de aprendizagem e, conseqüentemente, de redes de conhecimento e comunicação, favorecendo posturas interpretativas e compreensivas diante dos problemas que surgem no dia-a-dia. De outro, o fluxo célere de informações e conhecimento implica em uma mutação constante do mercado profissional, que requer como diz Pretto (2006:23) “... uma requalificação permanente para nos manter ativos – em estado permanente de aprendizado!...”.

É válido ressaltar que os professores que não foram contemporâneos da revolução tecnológica, mas que exercem a função docente, devem observar essa nova realidade de educação, buscando uma formação de caráter continuado, vivenciando o uso de ambientes virtuais numa perspectiva de interação e construção colaborativa de conhecimento e o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à escrita para expressar o próprio pensamento, leitura e interpretação de textos, hipertextos e idéias do outro.

As licenciaturas, como grandes responsáveis pela qualidade da educação brasileira, devem preparar de forma adequada aqueles que estarão “amanhã” nas salas de aula, fazendo uma educação adequada à realidade do momento ou uma

educação estacionária de momentos anteriores. A vivência ou de uma, ou de alternativa dependerá da formação inicial para a docência, haja vista que os caminhos que os egressos seguirão serão moldados naquilo que aprenderam, sendo duvidoso afirmar que os mesmos avançarão por caminhos desconhecidos.

A posição de integrante do quadro docente do Curso de Letras a mais de dez anos me permite afirmar que a atual prática pedagógica no Curso destaca-se pela combinação de várias abordagens educacionais, embora seja evidente o predomínio de práticas bem representativas do modelo tradicional de educação, ratificando o fato de existir na licenciatura uma prática pedagógica ainda conservadora, mas com evidentes avanços em direção de uma educação mais próxima da contemporaneidade. Isso significa dizer que, apesar das transformações sociais, a educação, em pleno século XXI, ainda se encontra assentada no modelo de educação, no qual o professor assume uma posição central; há primazia da aula teórico-expositiva; ocorre com predominância a aplicação de provas como estratégia avaliativa; o aprendizado é centrado na comunicação verbal e visual e o tempo de aprendizagem é restrito ao horário escolar. Em síntese, inexistem grandes mudanças na práxis dos docentes, em termos de utilização de estratégias de ensino, assim como o computador concebido como uma máquina de escrever que viabiliza o acesso à internet, o que retrata a vinculação ainda muito forte do tradicional aos tempos modernos.

Geralmente, nas “falas dos professores” inexistem pistas que demonstrem conscientização da necessidade do uso, da necessidade da alfabetização tecnológica/digital de professores e alunos para que saibam usar o computador. Tendem a justificar a ausência do uso do computador como recurso pedagógico pelo quantitativo insuficiente de máquinas disponibilizadas pela instituição para tal fim, pela não previsão desse tipo de uso nos currículos do curso e pela falta de qualificação para esse tipo de uso.

Segundo Tardif (2007) os professores são atores competentes e sujeitos do conhecimento e que, portanto, é a partir e através de suas próprias experiências, tanto pessoais como profissionais, que eles constroem seus saberes, assimilam novos conhecimentos e competências e desenvolvem novas teorias/práticas.

A tecnologia adentrou no espaço acadêmico, mas ainda não alterou o trabalho pedagógico de forma a definir qual a relevância e a forma de sua utilização. É preciso que, na formação inicial, os futuros docentes sejam

instrumentalizados para a exploração das potencialidades dos recursos tecnológicos passíveis de serem utilizados no processo ensino aprendizagem, para que no futuro possam ultrapassar os limites da posição de consumidores de conteúdos da Internet.

A instituição, os professores e a própria proposta curricular demonstram, por várias razões, disposição para incorporar esse uso. Essas razões são muitas e dentre elas destacam-se a legislação, a possibilidade de acesso individual e coletivo dos professores às tecnologias, as diretrizes curriculares que registram a necessidade do domínio das mesmas pelos futuros docentes ou a inserção de elementos curriculares na formação, cujo conteúdo é voltado para tal domínio.

O estudo permitiu a inferência de que a questão sobre o uso do computador como um recurso no processo ensino-aprendizagem ainda não está resolvida e que a mesma se agrava com o mais recente desafio da educação: a *on line*, que demanda professores capacitados para uma atuação eficiente. Na verdade, há uma dicotomia entre o pensar e o fazer no momento da implementação das políticas públicas, que atentam para as necessidades da realidade emergente sem que os professores sejam dotados de conhecimentos adequados a essa nova forma de atuação, pois não basta apenas a conexão de professores e alunos por meio da internet.

Para Pretto (2006:21), neste contexto de mutações constantes, emerge a necessidade de superar o conceito vigente de que o professor e a escola vivem isolados e sem conexão com a sociedade ou outras instituições de ensino, com o apoio de professores que tenham uma formação permanente e continuada, que inclua um forte suporte tecnológico. Urge a conscientização de toda a comunidade escolar, em especial, os professores e os alunos, da importância da tecnologia para o desenvolvimento social e cultural.

4.2.1 **Os discentes e a tecnologia**

Como já informado, o instrumento usado para a produção dos dados na pesquisa se constituiu de um questionário cuja aplicação ocorreu em dois momentos. O primeiro aconteceu em março de 2008, aos alunos ingressantes na 1ª série do Curso de Letras, em duas turmas, uma sediada em Belém (41 alunos) e

outra no município de Moju (33 alunos), e o segundo, em abril de 2009 aos alunos prováveis concluintes do mesmo curso e em 2009, matriculados em três turmas sediadas em Belém (25 alunos), Vigia (34 alunos) e Paragominas (25 alunos). A todos os alunos das turmas foram entregues os questionários, e no primeiro momento da aplicação houve o retorno de todos, e no segundo momento, obtive retorno de 20 em Belém, 32 em Vigia e 24 em Paragominas.

As aplicações do questionário foram impulsionadas pela busca de dados sobre o uso das tecnologias efetivado, na primeira aplicação pelos alunos, antes do ingresso deles no espaço acadêmico e no segundo, no próprio espaço acadêmico, durante o percurso curricular. Ambas as aplicações foram norteadas pelo objetivo de traçar um perfil social dos alunos, bem como assinalar as representações que eles têm de algumas mídias e caracterizar a relação deles com o uso das tecnologias digitais.

Na análise das questões 1 a 35 do questionário, em termos de computação de dados, foram consideradas duas pontuações oriundas das alternativas com percentual igual ou superior a 50%, e, de duas alternativas com maiores percentuais, cuja somatória tenha alcançado ou ultrapassado os 50%.

Nas turmas analisadas, tanto as dos alunos iniciantes quanto aquelas que agrupavam os prováveis concluintes, houve, conforme Tabela 12, a preponderância do sexo feminino, como já era previsto, posto que, na cultura popular, desde os tempos mais remotos, a profissão docente é o campo de atuação destinado às mulheres.

Tabela 12 – Idade e sexo dos entrevistados

IDADE	ALUNOS INICIANTES						ALUNOS CONCLUINTE								
	BELÉM			MOJU			BELÉM			VIGIA			PARAGOMINAS		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
16 – 20	06	24	30	03	24	27	-	03	03	-	-	-	01	09	10
21 – 25	01	04	05	01	02	03	04	07	11	04	24	28	04	10	14
26 – 30	01	04	05	01	02	03	01	02	03	02	02	04	-	-	-
31 – 35	-	-	-	-	-	-	01	01	02	-	-	-	-	-	-
36 – 40	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
50	-	-	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-	-	-	-
TOTAL	08	33	41	05	28	33	06	14	20	06	26	32	05	19	24

Em relação à idade, no caso dos alunos iniciantes, com apenas a ocorrência de uma aluna com idade de 40 anos, que pode ser caracterizada como um retorno aos estudos, antes abandonados, as idades dos alunos se inseriram na faixa etária

de 16 a 29 anos, com uma incidência maior, tanto na capital como no interior, na faixa dos 18 anos, fato natural em se tratando de um grupo de egressos do ensino médio, ingressantes no espaço acadêmico, via o Processo Seletivo de Vestibular.

As idades dos prováveis concluintes se inseriram na faixa etária de 20 a 50 anos, com uma incidência maior na faixa entre 20 e 22 anos, ocorrência natural, se for considerado o tempo mínimo de integralização curricular (4 anos) e o fato da faixa etária de 16 a 19 anos ser característica do ingresso no ensino superior. A existência de alunos com idade superior a 24 anos pode ser vista como uma distorção idade/série, fato este muito presente no Pará, que se caracteriza pela demora no acesso e curta permanência em todos os níveis de ensino, ou ainda pelo retorno aos estudos, antes interrompidos por razões diversas.

A televisão e o computador foram os meios de comunicação indicados pelos alunos iniciantes da capital como os mais usados em seu tempo livre, com apenas uma diferença de 2% entre eles em termos de frequência, ficando os livros como uma terceira alternativa, mas quase 50% aquém da televisão e computador. Já para os alunos do interior, o uso da televisão é preponderante e a frequência do uso dos livros é superior ao do computador (12%), conforme Tabela 13.

Fica clara aqui a diferença das condições sócio-econômicas dos grupos – capital e interior – interferindo na apropriação da máquina e no acesso às redes de informação, como também, o fato de que a televisão, em ambos locais, ainda não perdeu o monopólio da informação para as outras mídias, embora os dados vislumbrem que esse monopólio tende a ser finalizado.

Tabela 13 – Meios de comunicação usados no tempo livre dos entrevistados

MEIOS DE COMUNICAÇÃO	ALUNOS INICIANTEs		ALUNOS CONCLUINTEs		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
RÁDIO	01	-	02	04	05
TELEVISÃO	15	21	02	14	15
LIVROS	08	08	11	10	04
REVISTAS	01	-	01	-	-
COMPUTADOR	14	04	14	06	08
JORNAIS	-	-	03	04	-
SEM RESPOSTA	02	-	-	-	-
TOTAL	41	33	33	38	32

Nesse grupo de alunos, um dado interessante incidiu na ausência total de leitura de jornais, fato justificável para o interior em virtude do fator econômico aliado à restrita circulação desse meio de comunicação, o mesmo não podendo ser

pressuposto para o caso dos alunos da capital, que também, registraram a ausência do uso de jornais. Situação quase semelhante atinge o rádio, com uma única frequência na capital e ausência no interior, o que é legitimado pela existência das inovações tecnológicas suscitadoras do interesse de todos.

No grupo dos prováveis concluintes, alguns informantes assinalaram mais de um meio de comunicação utilizado no tempo livre deles, com isso, obtive 103 respostas, as quais atestam, no geral, uma incidência maior sobre a televisão (30%) e o computador (27%). Vale a ressalva que a primeira preferência permanece no interior, com o computador e os livros ocupando a segunda opção de escolha; enquanto que na capital, o computador (42%) lidera o *ranking* seguido dos livros, o que patentifica a apropriação da máquina e o acesso às redes de informação como uma tônica no cotidiano desses alunos.

O fato do jornal (9%), na capital, ser mais presente do que o rádio e a televisão (6%) no gosto dos informantes desse grupo, possibilitou a pressuposição de que a última perde o monopólio da informação para as outras mídias. No interior, a preferência do rádio em detrimento do jornal, legitima a falta de uma circulação efetiva desse meio de comunicação nesses espaços geográficos.

Para os alunos iniciantes da capital, a televisão e o computador são preponderantes no cotidiano deles, os quais, considerando a frequência apresentada, são substituídos, respectivamente, pelo computador e livros por aqueles que estão na fase de conclusão do curso, fato que evidencia novos rumos pela busca do conhecimento. No interior, essa evidência não se apresenta, pois tanto os iniciantes como os concluintes afirmaram utilizar a televisão e os livros em seu tempo livre, o que induz a pressuposição de que o acesso às novas tecnologias ainda não se faz presente, de forma consolidada, no cotidiano deles.

Na questão do meio informativo mais usado, mais uma vez foi confirmado o monopólio da televisão no processamento da informação pelos alunos iniciantes, visto que, tanto na capital (49%) como no interior (67%), houve uma liderança da mesma. Na capital, a televisão, na busca pela informação, dividiu o espaço, primeiro com os jornais (22%) e depois com o computador (20%), restando aos livros um pequeno percentual de 5%. No interior, o predomínio da televisão foi bem maior e o computador alcançou uma frequência de 3%, ficando atrás dos jornais (15%) e livros (12%), como assinala a Tabela 14.

Tabela 14 – Fontes informativas usadas pelos entrevistados

MEIOS DE	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
COMUNICAÇÃO					
RÁDIO	-	01	-	-	-
TELEVISÃO	20	22	09	10	19
LIVROS	02	04	02	04	02
REVISTAS	01	-	01	02	02
COMPUTADOR	08	01	12	06	07
JORNAIS	09	05	03	10	04
SEM RESPOSTA	01	-	-	-	-
TOTAL	41	33	27	32	34

Mesmo com informantes assinalando mais de uma opção, no grupo dos concluintes, a televisão (43%) surgiu como o meio de comunicação mais utilizado para a obtenção de informações pelos alunos do interior, em seguida, se apresentou o jornal (21%) e o computador (20%), ocorrência que, confirma o fato de que a consolidação do uso do instrumental tecnológico, ainda se encontra na fase dos “primeiros passos”. Na capital, essa liderança coube ao computador (44%) embora a televisão (33%) tenha sido a segunda opção dos informantes. Um dado curioso ficou por conta do rádio que não foi contemplado como opção pelos informantes, o que revela as conseqüências da evolução tecnológica em nossa sociedade, em termos de uso e desuso de um determinado instrumento, face ao crescente progresso humano.

Para os alunos iniciantes, sejam eles da capital ou do interior e para os concluintes do interior, a televisão foi indicada como o meio de comunicação mais utilizado para a obtenção das informações, tendo como concorrente mais próximo o jornal. O computador foi informado como terceira opção, exceto para os alunos iniciantes do interior que utilizam os livros devido à dificuldade de acesso a esse instrumento. Esses dados evidenciam o percurso acadêmico como um processo evolutivo, pois os alunos se apropriam das condições que lhes são apresentadas em termos de recursos disponíveis no seu meio ambiente e desenvolvem habilidades que já possuem para processarem as informações e avançar no caminho da construção do conhecimento. Na capital, no caso dos alunos concluintes, essa situação se confirma, caso seja considerado o fato de que o computador, a televisão e o jornal, atualmente, são presenças marcantes no meio social, salvaguardando-se apenas as questões econômicas.

A escolha das opções de estudo de um mesmo assunto pelos alunos iniciantes da capital recaiu sobre livro didático tradicional (27%) e sites da internet (27%); no interior essa escolha foi liderada pelo livro didático acompanhado de áudio (36%) e sites da internet (36%). Os dados indicaram que a prática da leitura em moldes tradicionais convivendo com a leitura virtual, dado que se confirmou pelo uso do computador de forma unânime na capital e pelo percentual de 96% registrado no interior. (Tabela 15).

Tabela 15 – Opções de estudo de um mesmo assunto

OPÇÕES DE ESTUDO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
Livro didático tradicional	11	03	01	02	06
Livro didático fortemente ilustrado	04	04	03	12	04
Livro didático acompanhado de áudio	08	12	04	04	02
Site da internet	11	12	08	10	12
CD ROM	02	01	02	-	-
Texto xerocado	03	-	01	04	-
Outro	-	-	01	-	-
Sem resposta	02	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Para os prováveis concluintes, a internet (40%) no panorama do estudo de um assunto com versões diferentes surge, na capital, como opção mais forte, como *lócus* de uma grande quantidade de informação acessível a todos aqueles que possuem e dominam os recursos tecnológicos, sendo prenúncio da aprendizagem colaborativa. Mesmo assim, a leitura em moldes tradicionais compete com a leitura virtual, haja vista, que a somatória da utilização do livro didático, em diferentes versões se equipara, em termos de escolha, ao uso dos sites, ou seja, também alcança o percentual de 40%. Já no interior, a preferência de opção recaiu em Vigia, sobre o livro didático fortemente ilustrado (38%) e em Paragominas em sites da internet (50%). Uma resposta interessante foi “*uma boa aula*” sinalizando que a qualidade da aula, o bom desempenho do professor ainda possuem méritos e relevância.

Os dados assinalam a coexistência da tecnologia de papel e a eletrônica, não se podendo negar um maior envolvimento do leitor no processo de apreensão dos significados textuais, na atual realidade, quando se trata da utilização de outros meios simbólicos além do lingüístico para alcançar seus intentos leitores.

Pierre Levy (1995) enuncia que “o meio eletrônico é um palimpsesto de antigas e atuais tecnologias” o que justifica a coexistência das tecnologias e o emergir de um novo comportamento leitor a partir do usual, do já existente.

Com a justificativa de “falta de interesse”, somente um aluno iniciante do interior assinalou a alternativa “não” para o uso do computador, o que fundamenta a confirmação do conhecimento, manejo e inserção dos alunos no mundo digital. (Tabela 16).

Tabela 16 – Uso do computador

USO DO COMPUTADOR	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM	41	32	20	32	24
NÃO	-	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Os resultados produzidos, com alunos iniciantes e concluintes ratificam a existência de uma maior democratização do saber e da informação e o fato de que o homem sempre buscou meios para suprir suas necessidades de comunicação, interação com o mundo circundante e ampliação de seus conhecimentos, o que não poderia ser diferente em uma época marcada pela aceleração do processo da globalização que oportuniza criações e recriações, nos vários campos do conhecimento cultural, social e histórico. Tudo isso implicando na formação global do aluno, enquanto ser social.

O tempo de uso do computador pelos alunos iniciantes (44%) e concluintes (55%) da capital ficou na faixa de mais de 6 anos, seguido pela faixa de 4 a 5 anos, tanto para o grupo inicial (29%), como para aquele às portas da conclusão (35%). No interior essa situação muda, pois o maior tempo de uso para os iniciantes foi assinalado na faixa de 2 a 3 anos (33%), seguido das faixas de 1 ano (30%) e de 4 a 5 anos (21%); já para os concluintes ocorreu uma divergência, pois em Paragominas (46%) o tempo de uso indicado foi o maior, ou seja, mais de seis anos, enquanto em Vigia (38%) o indicado recaiu na faixa de três a dois anos (Tabela 17).

Tabela 17 – Tempo de uso do computador

TEMPO USO DO COMPUTADOR	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
Mais de 6 anos	18	03	11	08	11
5 – 4 anos	12	07	07	06	06
3 - 2 anos	08	11	01	12	05
1 ano	03	08	-	02	-
Menos de 1 ano	-	03	01	04	02
Sem resposta	-	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Paragominas já foi o maior pólo madeireiro do país e, atualmente, é um dos maiores centros de pecuária da Amazônia, um exemplo de solução econômica para a região. Já Vigia destaca-se pelas tradições históricas à religiosidade e tem a pesca como fonte de ocupação e renda, a qual não tem conseguido contribuir para a redução de pobreza do município. Tais citações, circunscritas na questão sócio-econômica, podem justificar a divergência de tempo de uso ocorrida entre os municípios e para o fato do pouco tempo de uso no interior a justificativa pode ser a entrada tardia das inovações tecnológicas em cidades interioranas do Estado do Pará.

No geral, os dados indicam que 34% dos alunos, antes de iniciar sua formação, detinham algum domínio do uso do computador, o que indica a pressuposição do aumento desse domínio durante o desenvolvimento do curso, em virtude das atividades acadêmicas, que requerem o uso da ferramenta. Os dados também confirmam que dentre os alunos iniciantes ou concluintes, sejam eles da capital ou do interior, existe a busca pela inclusão social, via os recursos virtuais, apesar da aquisição do instrumento ainda fazer parte dos sonhos de muitos cidadãos da região norte em virtude do alto custo, o mesmo acontecendo com o acesso à internet, que ainda é rarefeito na região

Segundo os alunos iniciantes da capital, a aquisição do domínio do uso do computador foi realizada por iniciativa própria (44%) e, também, com a ajuda de outras pessoas que já detinham um conhecimento (32%). A realidade do interior no que concerne a dificuldade de acesso às tecnologias é passível de justificar o aprendizado tecnológico por meio de cursos de informática (58%) ou com pessoas que já dominavam o conhecimento (27%) (Tabela 18).

As respostas dos concluintes, sejam oriundos da capital ou do interior, indicam que a maioria deles (53%) adquiriu os conhecimentos necessários para o manuseio do computador nos cursos de informática, remete ao pressuposto de que

a curiosidade e a necessidade tenham impelido os informantes a buscar esse conhecimento. Essa busca requer a familiarização com as novas tecnologias da informação, face nova realidade social. Isto pode ser corroborado pelo percentual de 16% encontrado para a opção “sozinho” e 29% para a de “pessoas que já sabiam”, conforme Tabela a seguir.

Tabela 18 – Forma de aquisição de conhecimento para o manuseio do computador

AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELEM	MOJU	BELEM	VIGIA	PARAGOMINAS
PARA O USO DO COMPUTADOR SOZINHO	18	03	07	02	03
ENSINO MEDIO	01	01	-	02	-
MANUAIS ESPECIFICOS	-	-	-	-	-
PESSOAS QUE JA SABIAM	13	09	04	10	08
CURSOS DE INFORMÁTICA	08	19	09	18	13
OUTROS	-	-	-	-	-
SEM RESPOSTAS	01	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

A produção desses dados induz a pressuposição de que o contexto social no qual os alunos se encontram inseridos e as condições sócio-econômicas de cada um influenciou a forma de aquisição do conhecimento requerido para alcançar o domínio do instrumental tecnológico.

Para realização de tarefas de trabalho ou de estudo, o uso do computador, em ambos locais, segundo o informado pelos alunos iniciantes, é realizado freqüentemente (BL/58% e MO/45%), embora aconteça “sempre” (29%) na capital e “raramente” (39%) no interior.

Ao considerar que os sentidos dos advérbios “sempre e freqüentemente”, em termos de intensidade, não se distanciam muito e que a escolha dos informantes recaiu sobre as opções por eles denominadas, será possível afirmar que o uso do computador é marca incontestada no trabalho ou no estudo dos concluintes, sejam eles da capital ou do interior. Isso pode ser, posto que o uso nas formas “sempre e freqüente” alcançaram, respectivamente os percentuais de 43% e 53%. Três informantes assinalaram a opção “raramente” e a razão de terem assim feito, talvez tenha sido porque os mesmos não possuem computador em casa (Tabela 19).

Tabela 19 – Uso do computador para trabalhar/estudar

USO DO COMPUTADOR	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
TRABALHO/ESTUDO SEMPRE	12	05	09	14	10
FREQUENTEMENTE	24	15	10	16	14
RARAMENTE	05	13	01	02	-
NUNCA	-	-	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Mais uma vez os dados produzidos confirmam a disseminação do uso do computador pelas atividades humanas, seja como ferramenta de trabalho ou de estudo, ou ainda como meio de diversão ou como forma de comunicação e interação, sendo então, fundamental para a melhoria das práticas profissionais e do processo ensino aprendizagem, desde que inseridos em planejamentos que envolvam os diversos atores partícipes dos processos.

Para os alunos iniciantes da capital, em seu tempo livre, o computador é usado freqüentemente (56%), enquanto, para os do interior esse tempo livre raramente (45%) é ocupado pelo uso do recurso tecnológico. A situação se inverte em relação à segunda alternativa, pois a freqüência de uso na capital incidiu na opção “raramente” (24%) e no interior em “freqüentemente” (33%). O assinalar da primeira opção, tanto para os alunos da capital como do interior é bastante coerente, tendo em vista o grau de acessibilidade ao instrumental tecnológico.

Na capital, o fato de 50% dos informantes na posição de concluintes ter optado pela forma de uso freqüente do computador em seu tempo livre, seguida pela opção “sempre”, corrobora a pressuposição de que o uso da máquina é marca no cotidiano das pessoas inquiridas. No município de Vigia, a preferência também recaiu na forma de uso “freqüentemente”, o mesmo não acontecendo no município de Paragominas, onde os inquiridos indicaram que “raramente” usam o computador em seu tempo livre, conforme Tabela abaixo.

Tabela 20 – Uso do computador no tempo livre

USO DO COMPUTADOR	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARA-GOMINAS
TEMPO LIVRE SEMPRE	07	04	05	04	04
FREQUENTEMENTE	23	11	10	16	03
RARAMENTE	10	15	04	10	17
NUNCA	01	03	01	02	-
TOTAL	41	33	20	32	24

No somatório dos quantitativos obtidos nas três localidades, a opção “raramente” surge com índice maior (41%) em relação às demais opções. Vale ressaltar que a ocorrência maior no interior é justificada pela entrada tardia do aparelho no cenário das vendas ou pelo poder aquisitivo versus compra do produto não ser compatível.

Alunos iniciando o percurso acadêmico ou aqueles que estão a um passo de encerrá-lo, sempre usam o computador em seu tempo livre, diferindo apenas o grau de frequência desse uso.

Os alunos iniciantes da capital (46%) e do interior (61%) indicaram a curiosidade enquanto postura antes de iniciarem o uso do computador. A alternativa seguinte, de maior frequência, recaiu sobre “uma forte expectativa” tanto para capital (27%) quanto para o interior (24%). A curiosidade, também, foi a opção preferencialmente assinalada pelos alunos concluintes, tanto da capital como do interior (Tabela 21).

Tabela 21 – Postura diante do computador

POSTURA DIANTE DO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
COMPUTADOR	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
RESISTÊNCIA	03	-	-	02	-
CURIOSIDADE	19	20	11	20	20
INFERIORIDADE	02	02	02	02	04
FORTE	11	08	02	06	-
EXPECTATIVA					
PESSIMISMO	05	02	05	02	-
SEM RESPOSTA	01	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Interessante ressaltar que os alunos iniciantes do Moju e os concluintes de Belém e Paragominas não apresentaram postura de resistência ao novo, ao inusitado. Os dados produzidos confirmam a pressuposição anterior sobre a curiosidade/necessidade em relação a busca do conhecimento para o uso do computador, pois a curiosidade foi bastante evidenciada pelos informantes, o que demonstra a atração que a tecnologia exerce sobre as pessoas, além da premência do uso.

Segundo os alunos iniciantes, a postura deles, em relação ao computador, nas duas realidades, mudou para melhor (BL/88% e MO/79%), embora 12% em

Belém e 18% em Moju tenham afirmado que não houve mudança de postura diante do fato, conforme Tabela a seguir.

Tabela 22 – Mudanças de postura com o uso do computador

MUDANÇAS DE POSTURA COM O USO DO COMPUTADOR	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM, PARA MELHOR	36	26	12	18	24
SIM, PARA PIOR	-	-	01	-	-
NÃO	05	06	07	14	-
SEM RESPOSTA	-	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

As respostas dos alunos concluintes indicam mudanças de postura diante do computador “para melhor” (71%) e, consequentemente, a existência de um avanço em termos de conhecimento sobre o uso da máquina, ou seja, curiosidade, necessidade, inferioridade, resistência e expectativa foram amenizadas com a perspectiva de obtenção do domínio do recurso tecnológico. O percentual de 28% dos entrevistados afirmou a não ocorrência de mudanças e um único aluno assinalou a opção “mudança para pior”, mas, ainda assim, houve um aumento na atração pela tecnologia (Tabela 22).

Em Belém 90% dos respondentes na posição de alunos iniciantes possuem computador em casa, ao contrário dos alunos de Moju, onde a situação se modifica, pois, somente 42% possuem o instrumento tecnológico em casa. As possíveis razões para o percentual de 58% de alunos não possuidores de computador são as mesmas já enunciadas, ou seja, o baixo poder aquisitivo, a entrada tardia das máquinas no comércio local.

No grupo dos alunos concluintes que possuem computador em casa, o percentual de 46% foi distribuído entre Belém (21%), Vigia (11%) e Paragominas (14%). A maioria (90%) dos não possuidores de computador em casa está alocada no interior, fato passível de ser justificado por questões sócio-econômicas (Tabela 23).

Tabela 23 – Computador em casa

COMPUTADOR EM CASA	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM	37	14	16	08	11
NÃO	04	19	04	24	13
TOTAL	41	33	20	32	24

A presença ou não do computador na casa de alunos iniciantes ou concluintes está vinculada a alguma razão, a qual, em um primeiro momento, pode ser presumida pela realidade atual, que requer que a todos seja oportunizada a inclusão digital, independentemente, de estar ou não percorrendo um caminho acadêmico.

Os alunos iniciantes que possuem computador em casa indicaram a necessidade de estudo e/ou trabalho como razão primeira para a aquisição da máquina, tanto na capital (84%) como no interior (93%), ficando o interesse pela tecnologia como segunda opção, embora com percentuais não expressivos em relação a primeira razão apontada. Isto comprova a inserção das novas tecnologias de informação no meio social, alterando as maneiras das pessoas de informar e serem informadas e suas relações no transcurso informativo.

Considerando que somente 46% do total dos entrevistados do grupo dos alunos concluintes possuem computador, quase que as respostas alcançam a unanimidade (94%) pela necessidade de estudo e/ou trabalho das pessoas da casa como razão de compra do aparelho, demonstrando que os depoentes tentam comungar a idéia de que os avanços tecnológicos encurtam tempo e distância (Tabela 24).

Tabela 24 – Razões para a compra de computador

RAZÕES PARA A COMPRA	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
DE COMPUTADOR	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
NECESSIDADE	31	13	15	06	11
TODA CASA DEVE TER	-	-	01	-	-
MEIO DE DIVERSÃO	-	-	-	02	-
INTERESSE PELA	03	01	-	-	-
TECNOLOGIA	01	-	-	-	-
INFLUÊNCIA DO GRUPO	02	-	-	-	-
SEM RESPOSTA	02	-	-	-	-
TOTAL	37	14	16	08	11

O domínio do recurso tecnológico, atualmente, é requerido para o desenvolvimento de um curso de nível superior, seja em qualquer etapa curricular, haja vista que, as novas tecnologias adentraram no espaço acadêmico e estão sendo utilizadas como elemento de apoio da aprendizagem. Assim, é coerente e até natural que a razão para a aquisição da máquina incida na necessidade do

estudo, independente da situação acadêmica do aluno, como também, o espaço geográfico onde ele reside.

No grupo dos alunos iniciantes, sejam os da capital (59%) ou do interior (93%), o quantitativo de computadores em casa incidiu em apenas uma unidade, embora tenha havido a ocorrência de mais de uma unidade, com quantitativo significativo (38%) na capital e 7% no interior, conforme Tabela a seguir.

Tabela 25 – Quantitativo de computadores

QUANTITATIVO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DE COMPUTADORES					
UMA UNIDADE	22	13	11	06	10
DUAS UNIDADES	10	01	03	02	01
TRÊS OU MAIS UNIDADES	04	-	02	-	-
SEM RESPOSTA	01	-	-	-	-
TOTAL	37	14	16	08	11

No caso dos concluintes (Tabela 25), a situação é semelhante, pois a maioria dos informantes (77%), abrangendo capital e interior, possui, no mínimo, um computador em casa e o restante (23%) mais de uma máquina, com a capital liderando a ocorrência. A posse de um ou mais de um instrumento não está ligada a razões acadêmicas e sim à questão econômica, o poder aquisitivo de cada aluno.

Para os alunos iniciantes da capital (45%) e do interior (57%), não existe um lugar fixo de localização, na casa deles para as máquinas, embora os espaços da sala e dos quartos dividam a preferência, seja do jovem ou de outra pessoa da família.

Tabela 26 – Localização do computador

LOCALIZAÇÃO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DOS COMPUTADORES					
QUARTO DO ALUNO	13	03	06	04	06
QUARTO DOS PAIS	04	-	-	-	02
QUARTO DE UMA OUTRA PESSOA	03	03	02	02	01
EM OUTRO LUGAR	17	08	08	02	02
TOTAL	37	14	16	08	11

Situação semelhante ocorre com os alunos concluintes, pois a localização do computador varia de ambiente, embora haja uma frequência maior no quarto do aluno, ou então, em outro compartimento da casa, de preferência, sala, sala de estudos, escritório (Tabela 26).

O percentual de 31% dos alunos iniciantes não respondeu as questões relativas ao compartilhamento de uso do computador e suas regras no compartilhamento, valendo ressaltar que o mesmo está incluso no grupo daqueles que não possuem computador em casa.

Tabela 27 – Compartilhamento do computador

COMPARTILHAMENTO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DO COMPUTADOR					
SIM	32	12	13	06	11
NÃO	05	02	03	02	-
TOTAL	37	14	16	08	11

Para esse compartilhamento, segundo os respondentes da capital, são estabelecidas regras de uso segundo as necessidades (53%), embora (28%) tenha registrado a inexistência de regras. No interior, a situação inverteu, ou seja, o não estabelecimento de regras alcançou o percentual de 58% e para a existência de regras coube o percentual de (33%), ocorrência justificada pelo índice baixo de possuidores de máquina e pelo uso da mesma em locais como cyber café (Tabela 27).

Os computadores existentes nas casas, segundo os alunos iniciantes, são sempre compartilhados (BL/86% - MO/86%), na maioria dos casos, com os irmãos (BL/43% - MO/21%) ou com pais (BL/20%) e amigos (MO/17%). No âmbito do grupo dos concluintes, seja na capital ou no interior, o uso do computador é quase sempre compartilhado com outras pessoas.

Tabela 28 – Parceiros no compartilhamento do computador

COMPARTILHAMENTO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DO COMPUTADOR					
PAIS	12	05	05	-	02
FILHOS	02	-	03	-	-
IRMAOS	26	10	10	06	05
AMIGOS	06	08	03	02	02
COLEGAS DE TRABALHO	-	02	01	-	-
OUTROS	07	06	02	01	02
SEM RESPOSTA	08	17	-	-	-
TOTAL	61	48	16	09	11

Geralmente, considerando as três localidades e o assinalar de mais de uma opção, esse ato acontece com irmão ou irmã (48%), seguido dos pais e amigos (16%). Esse compartilhamento, com as mesmas considerações anteriores, na maioria dos casos (71%) que efetivam esse compartilhamento, o mesmo é regulado conforme as necessidades pessoais de cada usuário. (Tabela 28). O compartilhamento do instrumento tecnológico é uma prática usual entre os alunos, independentemente, da etapa de seu percurso acadêmico.

O uso do computador, em casa ou fora do contexto familiar, segundo os respondentes do grupo dos alunos iniciantes, mudou o cotidiano deles para melhor (BL/78% - MO/79%), igualmente ocorrido em seus estudos (BL/80% - MO/90%), em seu lazer (BL/63% - MO/64%) e no seu relacionamento com as pessoas (BL/58% - MO/57%). A existência de mudanças sempre para melhor confirmam a faceta positiva da inserção das inovações tecnológicas no meio social, a transformação da máquina como veículo de sociabilidade, mediativo nas relações humanas.

Segundo os entrevistados do grupo dos concluintes das três localidades, o uso do computador trouxe mudanças para melhor no dia a dia e no estudo. No item lazer, para os alunos da capital e da cidade de Paragominas, a mudança para melhor permaneceu, o mesmo não acontecendo na cidade de Vigia, onde os alunos pontuaram que nada mudou com o uso do computador. Para a alternativa das relações interpessoais, os alunos da capital e da cidade de Vigia assinalaram com maior frequência a alternativa “nada mudou”.

Para as opções de estudo, lazer e relações interpessoais houve respostas com indicativo de mudança para pior, nos dois grupos de alunos, com percentuais (1% a 6%) não significativos se comparados com os demais. Foge a essa consideração, o percentual de 12% encontrado no grupo de alunos concluintes da cidade de Vigia. Como o questionamento feito é bastante objetivo, as respostas dadas não indicam as razões para esse retrocesso (Tabela 29).

Tabela 29 – Mudanças com o uso do computador

MUDANÇAS COM O USO DO COMPUTADOR		ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DIA A DIA	PARA MELHOR	32	26	17	20	22
	PARA PIOR	-	-	-	-	-
	NÃO MUDOU	08	07	03	12	02
	SEM RESPOSTA	01	-	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
ESTUDO	PARA MELHOR	33	30	13	22	24
	PARA PIOR	02	-	01	-	-
	NÃO MUDOU	05	03	06	10	-
	SEM RESPOSTA	01	-	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
LAZER	PARA MELHOR	26	21	10	12	15
	PARA PIOR	01	-	01	04	-
	NÃO MUDOU	13	12	09	16	09
	SEM RESPOSTA	01	-	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
RELAÇÕES INTERPESSO AIS	PARA MELHOR	24	19	06	10	17
	PARA PIOR	-	01	01	02	-
	NÃO MUDOU	16	12	13	20	07
	SEM RESPOSTA	01	01	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24

O uso do computador, pelos dados produzidos, corroborou, sem sombra de dúvidas, para a existência de mudanças, no início da caminhada dos alunos, como, também, em sua etapa terminal. Um dado interessante incidiu no indicativo de que nada mudou nas relações interpessoais dos alunos concluintes de Belém e Vigia, pois para o item relativo às mudanças no dia a dia, eles e os demais, demonstraram uma frequência significativa para a existência de mudanças para melhor. Indo mais longe um pouco, pode ser construído o questionamento sobre o fato de que, como no dia a dia “melhorado”, nada muda nas relações interpessoais se nesse cotidiano existem pessoas com as quais eles se relacionam e que contribuem para que dia a dia seja melhor.

Demonstrando que, antes do ingresso no espaço acadêmico, já eram detentores de hábitos de uso da Internet, os alunos iniciantes da capital foram unânimes em confirmar sua navegação no espaço virtual; já no interior, a unanimidade não se apresentou, pois 9% afirmou que não navega na internet (Tabela 30).

Tabela 30 – Navegação na internet

NAVEGAÇÃO	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
NA INTERNET					
SIM	41	30	20	32	24
NÃO	-	03	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

No grupo dos concluintes todos foram unânimes em responder afirmativamente a questão relativa a navegação na internet, confirmando que buscam novas formas de acesso ao material imprescindível da era que estamos vivenciando – as informações (Tabela 31).

Tabela 31 – Frequência de acesso à internet

FREQUENCIA DE ACESSO	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
A INTERNET					
TODOS OS DIAS	21	03	12	08	08
2/3 VEZES NA SEMANA	12	14	04	14	08
1 VEZ NA SEMANA	05	05	04	08	06
1 VEZ NO MÊS	03	08	-	02	02
SEM RESPOSTA	-	03	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Para a navegação, em termos de frequência de acessos, entre os alunos iniciantes, houve uma preponderância, em BL, da alternativa de “todos os dias” (51%) seguida de “duas ou três vezes na semana” (29%); no interior o percentual maior (42%) coube a alternativa “duas a três vezes na semana”, seguida de “uma vez ao mês” (24%).

O acesso à internet, para os alunos concluintes de Belém é realizado todos os dias (60%), em Vigia, duas ou três vezes por semana (44%) e em Paragominas, a frequência de acesso é dividida entre todos os dias e duas ou três vezes na semana. Vale ressaltar que, dentre os que afirmaram ser esse acesso, uma vez por semana (24%) e uma vez ao mês (5%) estão alocados no grupo daqueles que não

possuem computador em casa, o que induz a pressuposição de que essa seja a razão de uma frequência não significativa (Tabela 31).

O acesso a Internet na capital, segundo os alunos iniciantes, é realizado em casa (66%) ou em cyber café (22%) e no interior, tal ocorrência se inverte, ou seja, em cyber café (76%) e em casa (9%). As diferenças dessas ocorrências entre capital e interior são justificadas por serem realidades diferentes, havendo na primeira, maiores possibilidades de acesso, as quais, na segunda, se convertem em dificuldades. Os dados obtidos revelam que a existência de diferenças de condições sócio-econômicas entre os dois grupos não se constitui como impedimento intransponível para a busca do letramento digital, pois mesmo aqueles que não possuem computador em casa, buscam fora do contexto familiar, ter acesso às possibilidades de informação/comunicação oriundas do âmbito virtual (Tabela 32).

Tabela 32 – Local de acesso à internet

LOCAL DE ACESSO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
A INTERNET					
CASA	27	03	14	06	05
CYBER CAFÉ	09	25	03	12	04
ESPAÇO ESCOLAR	02	02	01	14	07
CASA DE AMIGOS	02	01	02	-	-
OUTROS	01	-	-	-	08
SEM RESPOSTA	-	02	-	-	
TOTAL	41	33	20	32	24

Como a maioria dos alunos concluintes de Belém possui computador em casa, o lugar de maior acesso à internet, conforme Tabela 32, incide nas residências dos mesmos, embora esse acesso seja realizado em outros locais, principalmente, por aqueles que não possuem computador em casa, Essa situação modifica-se no interior, pois a maioria não sendo possuidora do instrumento em casa, procura outros locais para acessar o mundo virtual, como o próprio espaço acadêmico (Vigia 44% e Paragominas 29%).

Considerando a possibilidade de ser assinalada mais de uma opção, no cotidiano dos alunos iniciantes, o uso da internet é realizado em Belém com a finalidade de estudar (32%), de comunicar-se (27%) e de buscar informação

(25%). Em Moju, se sobressaiu a mesma finalidade indicada pelos alunos da capital, alcançando um percentual de 39%, seguida pela busca de informação (28%) e de comunicação (23%).

Para os integrantes do grupo dos concluintes sediados em Belém a finalidade primordial incidiu na busca de informações (28%), seguida, pelo estudo (26%) e pela comunicação (25%). O estudo foi a finalidade essencial para os alunos de Vigia (32%) e Paragominas (33%), seguida, na primeira pela busca de informações (24%) e pela comunicação (20%), com a inversão em Paragominas, ou seja, comunicação (26%) e busca de informações (25%) (Tabela 33).

Tabela 33 – Finalidade de uso da internet

FINALIDADE DE USO	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DA INTERNET	09	03	09	14	06
PROFISSIONAL	30	21	16	24	15
BUSCAR	32	17	14	20	16
INFORMAÇÕES	38	29	15	32	20
COMUNICAÇÃO	10	02	03	08	04
ESTUDO	-	02	-	-	-
RECREAÇÃO	-	02	-	-	-
SEM RESPOSTA	-	02	-	-	-
TOTAL	119	74	57	98	61

É válida a pressuposição de que o estudo se configura como principal finalidade de uso, em virtude do entendimento de que o ato de estudar envolve comunicação, informação e pesquisa.

Em relação à utilização dos serviços disponibilizados pela internet, segundo Tabela 34, aqueles que iniciam a caminhada acadêmica indicaram a preferência pelo uso dos sites de pesquisa (BL/27% - MO/39%), divergindo no uso dos demais preferidos, pois as preferências seguintes para os alunos de Belém recaíram no uso dos chat (18%) e no correio eletrônico (17%), e para os alunos de Moju, a consulta de textos (18%) e chat (17%) Os dados direcionam a idéia de que, para os alunos participantes desse estudo, a internet representa uma tecnologia que, ao possibilitar a comunicação e o acesso à informação, redimensiona a aprendizagem.

Tabela 34 – Uso dos serviços disponíveis na internet

USOS DOS SERVIÇOS	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DISPONÍVEIS NA INTERNET					
CORREIO ELETRÔNICO	26	10	18	28	14
FÓRUM DE DISCUSSÃO	05	01	04	12	06
SITES DE PESQUISA	40	30	19	26	24
CONSULTA DE TEXTOS	24	14	15	30	12
CHATS	27	13	12	16	12
SKIPE, BLOGGERS	07	-	04	06	04
COMPRAS	13	04	04	-	08
OUTROS	03	03	02	-	02
SEM RESPOSTA	-	02	-	-	-
TOTAL	145	77	78	118	82

Os entrevistados do grupo dos concluintes, com exceção dos alunos de Vigia, informaram que, com maior regularidade, utilizam os sites de pesquisa (BL/24% - PG/29%), o correio eletrônico (BL/23% - PG/17%) e a consulta de textos (BL/19% - PG/14%). Já para os alunos de Vigia a preferência recaiu sobre a consulta de textos (25%), seguida do correio eletrônico (24%) e sites de pesquisa (22%) (Tabela 34).

Tanto para um grupo como para o outro, os sites de pesquisa, o correio eletrônico, a consulta de textos e os chats se apresentam como os serviços da Internet mais utilizados, nos quais a conexão é um fator preponderante. Mas, além dela, é percebido mais um, talvez o mais importante para a área educacional - a mediação dos “bate-papos” educativos, que possibilita o estreitamento das relações entre professores e alunos, alunos com alunos e outros profissionais, que muitas vezes, estão em espaços diferentes do usuário.

Sobre os aspectos significativos para a compreensão dos conteúdos dos sites e considerando um valor entre 1 a 5, foi atribuído como “nada e pouco significativo”, respectivamente, a pontuação de 1 e 2; à somatória dos valores 3 e 4 foi designada a valoração de significativo e, por último, de muito significativo, ao valor máximo de 5.

Para os respondentes inscritos no grupo dos iniciantes de Moju, todos os aspectos receberam valoração significativa. Já em Belém, um percentual maior dos alunos considerou como significativos quase a totalidade dos itens, exceto os

itens relativos à quantidade de efeitos e sons, conforme Tabela 35 cabendo às duas exceções a valoração de pouca significação.

Os alunos concluintes tanto de Belém quanto de Vigia, em sua maioria, valoraram todos os aspectos como significativos. A exceção desse grupo coube aos alunos de Paragominas, que valoraram as possibilidades de navegação em rede como muito significativo, atribuíram o valor de pouco significativo aos efeitos e contraste entre fundo e texto e destinaram as cores os valores de nada e pouco significativo de forma equitativa e aos sons a inexistência de significado.

Tabela 35 – Aspectos significativos para a compreensão dos conteúdos dos sites

ASPECTOS SIGNIFICATIVOS PARA A COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS DOS SITES		ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTEs		
		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARA-GOMINAS
QUANTIDADE DE TEXTO EM CADA TELA DO SITE	NADA SIGNIFICATIVO	04	02	02	04	02
	POUCO SIGNIFICATIVO	06	04	02	02	06
	SIGNIFICATIVO	22	16	14	16	12
	MUITO SIGNIFICATIVO	09	09	02	10	04
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
QUANTIDADE DE EFEITOS UTILIZADOS PARA ANIMAÇÃO	NADA SIGNIFICATIVO	12	01	05	06	07
	POUCO SIGNIFICATIVO	14	03	06	04	12
	SIGNIFICATIVO	10	16	08	18	03
	MUITO SIGNIFICATIVO	05	10	01	04	02
	SEM RESPOSTA	--	03	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
QUANTIDADE DE CORES UTILIZADAS	NADA SIGNIFICATIVO	11	01	05	06	09
	POUCO SIGNIFICATIVO	09	03	05	02	08
	SIGNIFICATIVO	17	17	08	20	05
	MUITO SIGNIFICATIVO	04	10	02	04	02
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
CONTRASTE ENTRE O FUNDO E O TEXTO	NADA SIGNIFICATIVO	06	02	03	02	03
	POUCO SIGNIFICATIVO	07	05	03	04	10
	SIGNIFICATIVO	21	18	10	20	08
	MUITO SIGNIFICATIVO	07	06	04	06	03
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24

TOTAL		41	33	20	32	24
TAMANHO DA LETRA	NADA SIGNIFICATIVO	01	02	-	-	-
	POUCO SIGNIFICATIVO	03	--	01	02	04
	SIGNIFICATIVO	23	18	12	24	13
	MUITO SIGNIFICATIVO	14	11	07	06	07
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24

Tabela 35 – Aspectos significativos para a compreensão dos conteúdos dos sites

ILUSTRAÇÕES	NADA SIGNIFICATIVO	03	01	01	-	06
	POUCO SIGNIFICATIVO	07	01	01	08	02
	SIGNIFICATIVO	20	18	15	16	13
	MUITO SIGNIFICATIVO	11	11	03	08	03
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
ESQUEMAS GRÁFICOS	NADA SIGNIFICATIVO	03	--	03	-	06
	POUCO SIGNIFICATIVO	10	05	02	02	08
	SIGNIFICATIVO	22	17	13	26	05
	MUITO SIGNIFICATIVO	06	09	02	04	05
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
SONS	NADA SIGNIFICATIVO	12	02	03	10	15
	POUCO SIGNIFICATIVO	14	03	07	08	01
	SIGNIFICATIVO	13	18	09	12	08
	MUITO SIGNIFICATIVO	02	08	01	02	-
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24
POSSIBILIDADE DE NAVEGAÇÃO EM REDE	NADA SIGNIFICATIVO	01	03	01	-	-
	POUCO SIGNIFICATIVO	03	--	01	02	08
	SIGNIFICATIVO	16	12	09	18	06
	MUITO SIGNIFICATIVO	21	16	09	12	10
	SEM RESPOSTA	--	02	-	-	-
	TOTAL	41	33	20	32	24

Com tais respostas, os informantes indicam ter clareza sobre as ideais condições para a compreensão plena dos sites, além de valorizarem algumas

características pertinentes ao manuseio do hipertexto digital, acenando para o controle do aluno sobre a intensidade da informação a ser recebida ou não por ele.

A conexão com a internet segundo os respondentes, tanto os alunos iniciantes como os concluintes nunca é compartilhada com o uso de TV, videocassete e DVD, embora o percentual de (37%) de alunos iniciantes de Belém tenha afirmado a existência desse compartilhamento “de vez em quando”.

Os alunos iniciantes de Belém escutam música “quase sempre” (34%), quando estão conectados com a Internet, os concluintes de Vigia nunca (64%) efetivam esse tipo de compartilhamento e os iniciantes de Moju (33%) bem como os concluintes de Belém (45%) e Paragominas (58%) fazem essa operação “de vez em quando” (Tabela 36).

Tabela 36 – Ações realizadas no momento de conexão com a internet

AÇÕES REALIZADAS NO MOMENTO DE CONEXÃO COM A		ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTE		
INTERNET		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
TV, VÍDEO CASSETE OU DVD LIGADOS	NUNCA	17	23	07	28	17
	DE VEZ EM QUANDO	15	04	07	04	05
	QUASE SEMPRE	08	01	05	-	02
	SEMPRE	01	02	01	-	-
	SEM RESPOSTA	-	03	-	-	-
ESCUTA MÚSICA	NUNCA	04	06	-	14	02
	DE VEZ EM QUANDO	12	11	09	06	14
	QUASE SEMPRE	14	07	05	02	02
	SEMPRE	11	07	06	10	06
	SEM RESPOSTA	-	02	-	-	-
FALA AO TELEFONE	NUNCA	08	14	02	16	05
	DE VEZ EM QUANDO	31	14	15	12	15
	QUASE SEMPRE	02	02	01	02	-
	SEMPRE	-	01	02	02	04
	SEM RESPOSTA	-	02	-	-	-

A associação no uso de tecnologias se mostra dependente dos hábitos de cada pessoa e, também, da realidade na qual se encontram inseridos. Mas, também, acenam para pressuposição de ser natural o fato dos jovens fazerem várias coisas, ao mesmo tempo.

Mas, essa forma de proceder, ou seja, compartilhar a atenção entre várias coisas, não interfere no bloqueio das mensagens publicitárias, pois a produção de dados induz a pressuposição de que, a ação de bloquear tais mensagens é realizada

com bases firmes, que não indicam falta de atenção. Esse fato é corroborado pela afirmação do bloqueio pelos alunos iniciantes de Belém (80%) e dos concluintes de Belém (75%), Vigia (56%) e Paragominas (42%).

Tabela 37 – Bloqueio de mensagens publicitárias

BLOQUEIO DE MENSAGENS PUBLICITÁRIAS	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM	33	11	15	18	10
NÃO	06	12	04	08	09
NÃO TENHO IDÉIA	02	07	01	06	05
SEM RESPOSTA	-	03	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

A exceção coube aos alunos iniciantes de Moju, que acataram a negação (36%) contra a confirmação (33%) do bloqueio, apesar dos percentuais encontrados apresentarem pequena diferença (Tabela 37).

Os percentuais inerentes a capital são bastante significativos se comparados aos das cidades do interior, embora, esses agrupem alunos iniciantes (Moju) e concluintes (Vigia e Paragominas), o que possibilita a justificativa de que a realidade da capital, em termos de acesso às tecnologias é bastante diferente das cidades interioranas.

Para os que possuem computador em casa, o acesso à internet, para os alunos iniciantes e concluintes das localidades de estudo não modificou alguns de seus hábitos.

Tabela 38 – Mudanças ocorridas com a instalação de internet em casa

MUDANÇAS OCORRIDAS COM A INSTALAÇÃO DA INTERNET EM CASA		ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
VÊ TELEVISÃO	MENOS QUE ANTES	22	06	07	02	04
	COMO ANTES	11	07	09	04	07
	MAIS QUE ANTES	-	-	-	-	-
	NÃO TENHO TV	-	01	-	02	-
	SEM RESPOSTA	04	-	-	-	-
ESCUTA MÚSICA	MENOS QUE ANTES	01	01	01	-	-
	COMO ANTES	12	11	06	02	06
	MAIS QUE ANTES	22	01	09	06	05
	NÃO TENHO MP3/4	-	01	-	-	-

LÊ	SEM RESPOSTA	02	-	-	-	-
	MENOS QUE ANTES	02	01	02	02	-
	COMO ANTES	24	10	06	04	09
	MAIS QUE ANTES	08	03	06	02	02
	NÃO TENHO HÁBITO DE LER	01	-	02	-	-
	SEM RESPOSTA	02	-	-	-	-
SAI COM OS AMIGOS	MENOS QUE ANTES	02	04	04	02	02
	COMO ANTES	23	10	08	06	09
	MAIS QUE ANTES	09	-	04	-	-
	SEM RESPOSTA	03	-	-	-	-

O hábito de assistir televisão continua para eles tal como antes de ter acesso a Internet em casa, embora os iniciantes de Belém (59%) tenham informado que fazem uso da televisão “menos do que antes”.

A frequência de audição de música para os alunos de Moju (iniciantes) e para os de Paragominas (concluientes) continua como antes. Já para os alunos de Belém (iniciantes e concluientes) e Vigia (concluientes) essa prática aumentou em sua frequência.

A prática de ler para todos continua como antes, exceto para os alunos concluientes de Belém, que creditaram na intensificação da leitura em seu cotidiano. Acessar a internet em casa, não alterou em nada a relativa à saída com os amigos.

Segundo os informantes que possuem a ferramenta tecnológica em casa, o uso dos recursos disponíveis na internet é presente no dia-a-dia deles, mas esse uso, embora em alguns aspectos modifique o cotidiano dos mesmos, tais mudanças são perceptíveis em graus diferentes, dependendo da localidade e etapa do curso desenvolvido. Com outro olhar, é possível afirmar que esses alunos, de forma intensa, buscam na web informações e a possibilidade de comunicar-se com outras pessoas, ao mesmo tempo, que fortalecem uma convivência bem integrada, da Internet com outras mídias. Interessante o fato de dois alunos terem assinalado a opção “não tenho hábito de ler por passatempo”, indicando uma convicção sobre a existência da obrigatoriedade da leitura (Tabela 38).

Indagados sobre a lembrança do tempo da inexistência da internet em casa, uma parte significativa (66%) dos alunos responderam de forma afirmativa, ou seja, que se lembram da época. Alguns, aprofundando as respostas dadas, registraram que a época se caracterizava pelos estudos feitos através de livros, pela

comunicação por telefone, pelo assistir intensivo dos programas de televisão, pelo agrupamento freqüente dos amigos. Atualmente, eles a consideram como um instrumento de estudo, não imaginando o cotidiano sem ela, embora reconheçam que a mesma diminui a freqüência, dentre outras práticas, as conversas entre pais e filhos.

Caracterizam a época, também, pelas discussões face a face com os amigos sobre as notícias que circulavam nos jornais locais e não locais, por oportunizar tempo para o sono e as leituras. Treze (15%) alunos responderam que não se lembram e dezesseis (19%) se omitiram em opinar sobre o assunto (Tabela 39).

Tabela 39 – Lembranças do tempo em que não havia internet em casa

LEMBRANÇAS DO TEMPO EM QUE NÃO HAVIA	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
INTERNET EM CASA	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
LEMBRA	21	07	14	06	09
NÃO LEMBRA	08	02	01	01	01
SEM RESPOSTAS	08	05	01	01	01
TOTAL	37	14	16	08	11

Interessantes alguns depoimentos, tais como “Eu lembro, mas nos dias atuais ela se tornou uma ferramenta indispensável, não basta só o aparelho computador tem que ter a internet. Eu agüentava esperar cerca de uns trinta minutos pra encontrar um livro na biblioteca, hoje eu não agüento esperar 3 segundos para abrir um site” (Vigia); “Ainda lembro. Realizar atividades de trabalho/estudo com maior dificuldade” (Paragominas).

O site da UEPA já foi visitado por 95% e 90% dos alunos iniciantes, respectivamente, de Belém e Moju e de forma unânime pelos alunos concluintes, tanto da capital como do interior. Tal ocorrência indica o interesse de todos em obter informes sobre as atividades da instituição (Tabela 40).

Tabela 40 – Visitas ao site da UEPA

VISITAS AO SITE	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
DA UEPA	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM	39	30	20	32	24
NÃO	02	02	-	-	-
SEM RESPOSTAS	-	01	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Para os alunos iniciantes de Belém (54%) o uso da internet durante as aulas será raro, enquanto que os alunos de Moju acreditam que ela possa acontecer algumas vezes (33%) e nunca (30%). Para esse mesmo grupo de alunos, esse uso depois das aulas ou no intervalo das mesmas será “raro” (49%) ou nunca (27%) ocorrerá em Belém para os alunos de Moju ele será realizado algumas vezes (42%) ou raramente (33%).

Tabela 41 – Uso da internet na UEPA

USO DA INTERNET		ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
NA UEPA		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
DURANTE AS AULAS	NUNCA	22	10	13	12	10
	RARAMENTE	15	09	05	08	06
	ALGUMAS VEZES	02	11	02	08	05
	NORMALMENTE	01	03	-	02	03
	SEMPRE	01	-	-	02	-
DEPOIS DAS AULAS	NUNCA	11	01	06	02	-
	RARAMENTE	20	11	07	06	08
	ALGUMAS VEZES	08	14	05	08	10
	NORMALMENTE	01	04	02	14	05
	SEMPRE	01	03	-	02	01

Os alunos identificados como concluintes e sediados em Belém (65%), Vigia (38%) e Paragominas (42%) acreditam que nunca irão utilizar a internet durante as aulas, embora alguns de Paragominas (25%) e de Vigia (25%) tenham assinalado como segunda opção a alternativa “raramente”. O uso depois ou nos intervalos das aulas para os alunos de Belém pode acontecer raramente (35%) ou nunca (30%), para os de Vigia, normalmente (44%) ou algumas vezes (25%) e para os de Paragominas, algumas vezes (42%) e raramente (33%) (Tabela 41).

As respostas indicam um chamado para a instituição de ensino acatar a nova cultura educativa e outras linguagens utilizadas nas formas de comunicação. Os alunos reconhecem uma instabilidade no meio educacional, no concernente a inserção das tecnologias, mas ainda apostam no uso das novas tecnologias como instrumentos de mediação pedagógica

Os alunos iniciantes do Moju foram unânimes em acreditar na existência de um regulamento na UEPA para o uso da internet e tal crença foi confirmada por 63% dos alunos de Belém. O confronto desses dados com outros, aqui mesmo

divergentes, nos leva a inferir que no curso de Letras, localizados nesses municípios, há uma prática docente que usa a internet e tal uso se pauta em um regulamento, porém o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ainda deixa a desejar, posto que é perceptível, em suas representações, a capacidade de identificar problemas socioculturais e educacionais. Quanto às novas tecnologias, segue-se com sua utilização pedagógica no curso, atendendo às exigências da legislação vigente, entretanto, as condições e a frequência da utilização dos instrumentos tecnológicos oferecidos são raras.

Tabela 42 – Existência de regulamento da UEPA para uso da internet

EXISTÊNCIA DE REGULAMENTO NA UEPA		ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
PARA USO DA INTERNET		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM		26	33	08	30	21
NÃO		03	-	10	02	01
NÃO SEI		11	-	02	-	02
SEM RESPOSTAS		01	-	-	-	-
TOTAL		41	33	20	32	24

A metade dos alunos concluintes de Belém acredita na existência de um regulamento na UEPA para o uso da internet e a outra metade não acredita (40%) ou não sabe (10%) sobre a existência do mesmo. Em Vigia a crença na existência de regulamentação foi quase unânime (94%) contra o percentual de 6% que confirmou a inexistência. Em Paragominas, a situação se assemelhou ao do município anteriormente enunciado, visto que, a afirmação, a negação e a opção de não saber a respeito do fato alcançaram os percentuais de 88%, 4% e 8%, respectivamente (Tabela 42).

Tal resultado se modifica quando, capital e interior, são considerados isoladamente, visto que no interior a crença na existência de uma regulamentação é bastante significativa em relação à capital, onde a crença recai, em escala maior, na inexistência de tal normatividade. Pelos dados produzidos, os alunos concebem no espaço acadêmico, o estabelecimento de normas, promotoras de condições adequadas à aprendizagem discente.

Tanto os alunos iniciantes como os concluintes demonstraram, com percentuais significativos, ter a expectativa de utilizar a internet para a realização de trabalhos solicitados pelos professores, com exceção dos alunos de Vigia que dividiram essa expectativa, com a realização de trabalhos acadêmicos ou para obter lazer. Os dados produzidos indicam que a Internet é fonte para obtenção de informações que poderão subsidiar os trabalhos acadêmicos, conforme Tabela 43.

Tabela 43 – Uso da internet na UEPA

USO DA INTERNET		ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTES		
NA UEPA		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
TRABALHOS SOLICITADOS PELOS PROFESSORES		32	25	19	14	21
ATIVIDADES PESSOAIS		02	-	-	04	-
TRABALHOS ACADÊMICOS	E	06	07	01	14	03
LAZER						
SEM RESPOSTAS		01	01	-	-	-
TOTAL		41	33	20	32	24

Os discentes, sejam iniciantes ou concluintes, acreditam ser “muito interessante” uma maior possibilidade de acesso da internet no espaço acadêmico da UEPA, alternativa que alcançou os percentuais de 73% (iniciantes) e 80% (concluintes) em Belém, 82% em Moju, 62% em Vigia e 92% em Paragominas.

Os alunos julgaram ser, também, muito interessante a questão relativa a um maior domínio pelos docentes sobre as ferramentas digitais disponíveis, tanto que foram alcançados em Belém o percentual de 63% entre os iniciantes e o de 60% entre os concluintes, 58% em Moju, 62% em Vigia e 75% em Paragominas.

Para os alunos de Belém, a existência de disciplinas específicas em relação ao ensino/aprendizagem do uso de programas do computador foi julgada pelos iniciantes (46%) como muito interessante e pelo restante dos alunos, de forma equitativa, como interessante e desnecessário. Para os alunos iniciantes de Moju (78%), de Vigia (50%) e de Paragominas (83%)

Tabela 44 – Grau de interesse de questões vinculadas à internet

GRAU DE INTERESSE DE QUESTÕES		ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
VINCULADAS A INTERNET		BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
MAIOR POSSIBILIDADE DE ACESSO À INTERNET	MUITO INTERESSANTE	30	27	16	20	22
	INTERESSANTE	10	05	04	10	02
	DESNECESSÁRIO	01	-	-	-	-
	NÃO SEI	-	01	-	02	-
	MUITO INTERESSANTE	26	19	12	20	18
MAIOR DOMÍNIO DOS PROFESSORES SOBRE AS FERRAMENTAS DIGITAIS DISPONÍVEIS	INTERESSANTE	13	09	05	10	06
	DESNECESSÁRIO	02	05	01	-	-
	NÃO SEI	-	-	02	02	-
	MUITO INTERESSANTE	19	24	08	16	20
	INTERESSANTE	11	07	09	12	-
EXISTÊNCIA DE DISCIPLINAS ESPECÍFICAS PARA O ENSINO DO USO DOS PROGRAMAS	DESNECESSÁRIO	11	02	03	02	04
	NÃO SEI	-	-	-	02	-
	MUITO INTERESSANTE	19	24	08	16	20

Os percentuais obtidos sobre as respostas dadas às questões relativas a um maior acesso da internet no espaço acadêmico, a um maior domínio sobre os recursos disponíveis na internet pelos docentes e a inserção da tecnologia nos currículos escolares na forma de disciplinas sinalizam a necessidade de realizar a inclusão digital de alunos e, talvez, principalmente, dos professores que são os responsáveis pela educação dos alunos, pois não podemos esquecer que a qualidade da aprendizagem do aluno requer a mediação do professor, que precisa dominar os conhecimentos que serão ensinados, bem como, as estratégias e os recursos adequados ao ensino, para que a experiência do aprendiz seja estimulante e produtiva (Tabela 44).

Os alunos iniciantes da capital (29%) e do Moju (45%) afirmaram que utilizaram os recursos da Internet, durante o aprendizado no ensino médio, de forma rara, surgindo como segunda opção para esses alunos (Belém/27% - Moju/33%) a não ocorrência do uso

Situação semelhante ocorreu com os alunos concluintes, pois os de Belém assinalaram as alternativas nunca (45%) e raramente (30%), os de Vigia pontuaram a opção nunca (56%) e os de Paragominas marcaram as alternativas raramente (46%) e nunca (21%) (Tabela 45).

Tabela 45 – Uso da internet no Ensino Médio

USO DA INTERNET	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELEM	MOJU	BELEM	VIGIA	PARAGOMINAS
NO ENSINO MEDIO SEMPRE	09	03	01	02	04
FREQUENTEMENTE	09	04	04	08	04
RARAMENTE	12	15	06	04	11
NUNCA	11	11	09	18	05
TOTAL	41	33	20	32	24

Tais ocorrências delineiam que a cultura do uso dos recursos tecnológicos no espaço escolar inexistia a quatro ou cinco anos atrás, época em que a explosão tecnológica e o progresso científico já faziam emergir necessidades na sociedade que exigiam de seus membros uma formação global e implicavam em mudanças no modo de pensar a educação e, conseqüentemente, na formação dos indivíduos. Época na qual a escola, no cumprimento de seu papel, ainda não havia incorporado as mudanças que estavam sendo gestadas na sociedade.

Os alunos iniciantes e concluintes, tanto da capital como do interior, priorizaram a alternativa “outros”, pontuando que possuem email, são usuários freqüentes do Orkut, MSN, página de relacionamento, demonstrando, de certa forma, que o uso dos recursos da internet faz parte do cotidiano deles. Em relação aos alunos iniciantes de Moju, é preciso considerar a marcação da alternativa “site pessoal” (18%) como segunda opção, o mesmo acontecendo com os concluintes de Belém que alcançou o percentual de 40% para a opção “blog” (Tabela 46).

Tabela 46 – Recursos da internet

RECURSOS DA INTERNET	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELEM	MOJU	BELEM	VIGIA	PARAGOMINAS
BLOG	05	04	08	06	06
SITE PESSOAL	08	06	04	04	06
OUTROS	27	13	08	22	12
SEM RESPOSTA	01	10	-	-	-
TOTAL	41	33	20	32	24

Considerando todas alternativas existentes, vale ressaltar que os alunos acreditam que a internet possibilita a vivência de coisas impossíveis. Mas, independente da etapa do curso desenvolvido como também do local de origem destes, existe o reconhecimento de que tais coisas não devem ser realizadas. O percentual de 57% na capital e de 58% no interior assinala a forma de pensar e entender a realidade, configurados na consciência do “certo” e do “errado” dos alunos (Tabela 47).

Tabela 47 – Vivência de coisas impossíveis

VIVÊNCIAS DE COISAS IMPOSSÍVEIS	ALUNOS INICIANTEs		ALUNOS CONCLUINTEs		
	BELEM	MOJU	BELEM	VIGIA	PARAGOMINAS
SIM	13	10	04	04	06
NÃO	02	01	03	08	01
NUNCA TINHA PENSADO	03	03	02	02	02
SIM, MAS NÃO DEVE SER FEITO	23	19	11	18	15
TOTAL	41	33	20	32	24

Os dados produzidos apontaram que os alunos, tanta da capital como do interior, sejam eles iniciantes ou prováveis concluintes, na busca pelas informações e, conseqüentemente, pela (re)construção dos conhecimentos defrontam-se com um longo e tortuoso caminho da inclusão digital. Mas, mesmo assim, driblam os percalços e, avançam em direção do suprimento de suas necessidades, tendo em vista as exigências da sociedade atual, em termos de sua formação.

4.2.2

O letramento digital dos alunos

A decodificação do sistema alfabético da escrita denominado de alfabetização, em épocas passadas, contemplou os anseios e as demandas de uma realidade social, que sofreu transformações e, passou a requerer de seus cidadãos posturas diferentes em relação às situações comunicativas mais complexas, aos modos de interagir com os outros e com o mundo. Diante desse novo contexto social, no qual se tornou premente minimizar o alto índice de analfabetismo funcional, o conceito de alfabetização se tornou insuficiente, ultrapassou os limites da decodificação incorporando a compreensão dos usos sociais da escrita,

surgindo assim o letramento como resposta às demandas sociais, pautado pela concepção de que não basta apenas saber ler e escrever é preciso fazer uso efetivo desses atos.

Atualmente, com o grande desenvolvimento da ciência e da tecnologia no século XXI os cidadãos se deparam com outra realidade, na qual a incorporação da comunicação e linguagem digital são requisitos imprescindíveis para a sua formação. Surge então, o letramento digital verbalizado por Soares (2002:151) como:

um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

Buzato (2007:4) amplia essa concepção afirmando que:

letramentos digitais são redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente nas e por meio, virtude ou influência das TIC, considerando ainda os diferentes contextos culturais e situacionais.

Para ser letrado digital é necessário saber como manusear as tecnologias digitais além de interagir com elas, para entender seus usos e possibilidades no cotidiano social e, para tal, é preciso que haja o domínio de um conjunto de informações e habilidades que capacite o cidadão para ser incluído no mundo digital.

É a história se movimentando, são transformações ocorridas no contexto tecnológico, social, político, econômico ou cultural que suscitam mudança no tipo de letramento, tanto que antes a tecnologia manuscrita predominava no meio social, que evoluiu para a impressão e agora, para o digital. Embora, surjam modificações, as culturas coexistem, tanto que é habitual a transferência de uma para outro, como por exemplo, da tela para o papel, do impresso para a tela.

Atualmente, educadores e alunos vivenciam momentos de adaptação em situações distanciadas das competências e habilidades de letramento digital, pois o domínio do instrumental tecnológico requer habilidades motoras e linguísticas bem como a compreensão sobre a dinâmica, os limites e possibilidades de interação em ambientes digitais.

O hábito de (não) ler se constitui como item primordial para o estabelecimento de níveis de letramento, mas no caso do letramento digital, o estabelecimento de níveis não é uma situação tão simples assim, pois ele envolve habilidades técnicas e habilidades de análise crítica e participação ativa nos processos de interação mediados pelas tecnologias, que precisariam ser analisadas mediante a aplicação prática das mesmas.

Nessa perspectiva, os dados produzidos não permitem o estabelecimento de níveis de letramento dos alunos, pois o “dito” pelos informantes deixa apenas pistas sobre a existência das habilidades mais básicas, da prática de navegar e interagir por meio de gêneros digitais. Mas é possível dizer que os alunos já possuíam um determinado nível de letramento digital, pois informaram sobre o uso de diferentes recursos computacionais, das tecnologias na realização de trabalhos acadêmicos, o que demonstra, além de uma variedade de usos, uma familiaridade com as tecnologias de informação e comunicação.

Os dados indicam a utilização da internet para a comunicação entre as pessoas por meio do envio e recebimento de e-mails, pesquisa de assuntos, busca de informações, procura de imagens, participação de bate-papos e o uso do computador para executar funções básicas, digitar textos no Word, efetuar a formatação básica, utilizar os recursos de processamento de textos. Revelam, também, a apropriação da máquina, sem indicação, entretanto do uso crítico das possibilidades que são apresentadas na tela do computador, principalmente, no que tange aos recursos *on-line* disponibilizados pela internet. Indicam ainda que os alunos anseiem por maiores possibilidades de acesso à internet, talvez como forma de ampliar suas oportunidades de comunicação via redes colaborativas, viabilizando assim, a sua posição enquanto produtor de informações e conhecimentos.

Os alunos indicam que os professores devem ter um maior domínio sobre as ferramentas digitais disponíveis, a fim de mediar o processo ensino aprendizagem de uma formação profissional adequada ao contexto marcado pela cultura digital, considerando o fato de que os alunos, antes do ingresso no espaço acadêmico, em sua maioria, têm experiências com os recursos digitais. Com isso, eles assinalam a existência de um descompasso tecnológico entre professores e alunos, o que requer um investimento no letramento digital do docente, a quem cabe a tarefa de mediar o aprendizado sobre as tecnologias impressas e digitais.

Dado indicador da preocupação dos alunos com a ampliação de sua inserção no mundo digital é a sugestão de que os cursos, em seus desenhos, incluíssem elementos curriculares voltados para o ensino do uso dos recursos computacionais, tendo em vista que no ensino presencial, as tecnologias ou estão ausentes ou distantes. Tal sugestão corrobora com a afirmação de Coscarelli (2005:32) de que os alunos “precisam usar a informática e não ter aula de informática” para se tornarem usuários familiarizados com os recursos disponíveis nos computadores.

Esses dados apesar de nada indicarem sobre a preparação adequada dos alunos para lidar com os recursos computacionais “dizem” que eles acessam e selecionam informações variadas, demonstrando a posse de um conhecimento construído na prática, vivenciando e experimentando os ambientes virtuais. Esse conhecimento, que pelos dados produzidos, foi adquirido antes do ingresso no espaço acadêmico e ampliado durante o percurso curricular, possibilitou o desenvolvimento de uma competência para usar os equipamentos digitais.

Os informes sobre as razões que impeliram a aquisição de um computador pelos alunos indicam que a apropriação do letramento digital se apresenta como uma necessidade educacional, tendo em vista uma formação adequada às demandas sócio econômicas da realidade atual. Aqui cabe a pressuposição de que os alunos concebem o computador como um aliado para o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas.

Em seu processo histórico, o homem cria tecnologias e as utiliza para seu avanço cultural, provocando alterações na forma de compreensão do mundo. Nesse contexto, a escola pautada na responsabilidade pela formação daqueles que a freqüentam, é questionada pela sociedade sobre a sincronia de seu tempo de ação com a atualidade, marcada pela inserção das novas tecnologias nas atividades cotidianas. Assim, considerar que ser iletrado digital é não ter familiaridade com o manuseio do computador, ser incapaz de atribuir um sentido às palavras que surgem na tela de um computador, possibilita a afirmação de que os alunos pesquisados, imersos em uma realidade na qual o homem tem utilizado novas formas de interação possuem letramento digital, que os auxilia no cotidiano pessoal e no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

4.2.3

As representações sobre as mídias pelos discentes de Letras

Analisar as representações construídas pelos inquiridos sobre o livro, televisão, computador e internet é desvendar as expressões por eles elaboradas, em termos substitutivos e interpretativos em relação aos objetos dados. Para Jodelet (2001:22) representação social se caracteriza como uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Portanto, conhecer as representações elaboradas pela comunidade pesquisada sobre os objetos enunciados, amplia as possibilidades de compreensão do processo evolutivo da sociedade bem como, da busca do ser humano pela sua plena cidadania.

Na análise, após o registro dos dados produzidos com as respostas emitidas pelos informantes sobre as representações que os mesmos construíam sobre o livro, televisão, computador e internet, foi realizada a organização dos mesmos, com base nas categorias que foram emergindo durante a análise, tais como: adjetivação, descrição, finalidade de uso, símbolo, descrição do objeto em si, definição do uso do objeto, uso de uma metáfora ou metonímia para expressar o que seja.

Primeiramente, foram analisadas as respostas emitidas pelos alunos iniciantes, inseridos na turma de Belém e na do Moju. Considerando a somatória das representações obtidas nos dois locais, o conhecimento aparece como representação maior do livro. Essa representação sugere implicações relativas à inserção do ser humano no contexto social, no que tange às exigências que emergem da sociedade, em termos de escolaridade, haja vista que, atualmente, o mercado de trabalho exige qualificação profissional, aqui entendida como apreensão de conhecimento. Na esfera do senso comum, o possuidor de grandes conhecimentos tem maiores chances na escalada social, em termos político-econômicos (Tabela 48).

Em Belém, um número expressivo de depoentes associou o livro às bibliotecas, que semanticamente se traduz por uma coleção de livros disponível para estudo e consulta e simbolicamente, repositório de conhecimento, o que corrobora com a representação do livro como ícone de conhecimento.

Na associação do livro à leitura, a resposta *“difícil, dependendo da linguagem utilizada no livro, penso na dificuldade da leitura”* chamou minha atenção. Em meu entendimento, ela é a verbalização de uma preocupação presente e marcante nos espaços escolares relativa à existência de obstáculos que podem comprometer a proficiência do indivíduo no ato de ler, caso não sejam superados. Outra representação bem instigante foi a de que o livro é *“algo meio mofado e caro”* visto que sugere idéias contraditórias, próprias das pessoas jovens, pois o uso do termo mofado cujo sentido figurado é velho, decadente se contrapõe ao sentido de caro. Essa contradição gera muitos questionamentos que ficam sem respostas, mas que podem trazer a imagem de um jovem inconstante, contraditório, instável em suas idéias. Capas, palavras, papel, letras, sinais gráficos, ilustrações surgiram como representações de cunho descritivo, ou seja, próximas do objeto em si, no caso do livro.

Compreensão do mundo, obtenção de informação, estudo e aprendizagem também foram representações construídas pelos alunos pesquisados, as quais suscitam a idéia de que o livro, mesmo com os ambientes virtuais disponibilizando um vasto banco de informações continua ainda sendo fonte de conhecimentos, que sacia a sede de muitos. Tal pressuposição é fortalecida por respostas como fonte de reais conhecimentos e forma mais precisa de se adquirir conhecimento, nas quais as adjetivações constantes nos termos *“reais e mais precisa”* consolidam a importância do livro face outros meios formativos.

As representações que encerram a idéia de desenvolvimento intelectual e aumento de saber e sugerem atributos de seriedade, comprometimento e exigência de esforço fazem um contraponto com a questão do lazer representada pelo próprio lazer, entretenimento, diversão, prazer, indicando leveza, descontração. Essa situação mais uma vez induz a pressuposição de que os alunos são contraditórios na forma de pensar e agir.

Foram mínimas as representações ligadas à pesquisa, consolidando a idéia de que o livro ainda satisfaz a busca de informação aqui entendida como matéria-prima para a aprendizagem do conhecimento. Essa ocorrência, mais marcante na capital do que no interior, insinua que o aluno não vinculou pesquisa aos meios que a viabilizam, bem como não se predispôs a compará-los em termos de importância.

Os alunos também enunciaram como representações “*imaginação*” e “*meio pelo qual podemos fazer uma viagem sem precisar sair do lugar*”, as quais sugerem uma relação do livro com o gênero literário, que possibilita o imaginário, a ficção, as viagens que proporcionam descobertas, saciam curiosidades e, ao mesmo tempo, possibilitam dar asas à imaginação.

A resposta “*um meio de sabedoria cultural importante para a construção de um conhecimento teórico e científico*” me fez pressupor que o livro encerra em suas páginas a ciência, a erudição e mantém relação com a cultura e o conhecimento vinculados a um saber acadêmico.

As representações construídas pelos alunos concluintes sobre o livro, embora não tenham atingido o percentual de 50%, em todas as turmas o caráter simbólico foi predominante em relação aos demais. Essa preferência foi seguida, na turma de Belém, pelo cunho descritivo e o nominativo de autores; na turma de Vigia, pela busca da informação e do conhecimento; na turma de Paragominas, pelo conhecimento, adjetivação e gênero.

A adjetivação “*o melhor veículo de informações*”, citada por um informante de Belém, faz pressupor que o livro, mesmo com a presença marcante dos meios tecnológicos, ainda possui um papel relevante na meio estudantil. Isso, de certa forma se confirma com a representação adjetivada de “*baixados pela net*”, agora de um informante de Vigia, pois o instrumento tecnológico aqui é somente o meio pelo qual se tem em mãos o livro, que garante o “*poder tátil*”.

Interessante a associação feita ao curso desenvolvido – Letras -, pois segundo a cultura popular, esse curso é o que domina as letras, as palavras, os discursos, que estão inseridos nos livros. Para os informantes, a pesquisa surge entrelaçada com busca da informação que gera o conhecimento, a cultura, mas também o prazer.

Associar livro a *cérebro*, órgão de grande importância para a existência do organismo humano, é conceder a ele um papel relevante na vida daqueles que dele fazem uso. Indo mais além, entrelaçar livro a *vida*, é, no mínimo, determinar o caráter de indispensável, essencial. As *viagens* figurativas que evocam a *imaginação* também surgiram como associações que outorgam ao livro o poder de transpor os limites da realidade.

Tabela 48 – Quantitativo dos registros categorizados – livro

LIVRO CATEGORIAS	ALUNOS INICIANTEs		ALUNOS CONCLUINTEs		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
ADJETIVAÇÃO	05	10	01	01	05
DESCRIÇÃO	07	06	05	04	02
F. U.	13	12	02	07	07
CONHECIMENTO/CULTURA					
F. U. FUNCIONAL	07	05	-	01	-
F. U. LAZER	11	-	02	-	-
F. U.	01	04	01	09	04
PESQUISA/BUSCAR INFORMAÇÃO					
SINÔNIMO	02	-	-	02	02
SÍMBOLO	17	05	14	12	08
PROGRAMA/TÍTULO	-	09	-	-	-
AUTOR	-	09	05	-	01
GÊNERO	08	04	04	-	05
PODER	-	-	01	-	-
SEM RESPOSTAS	-	01	-	-	-
TOTAL	71	65	35	36	34

Belém, Moju, Vigia e Paragominas apresentam realidades diferentes. Embora o curso e a instituição de ensino sejam os mesmos, as condições dos locais de aprendizagem se diferenciam em termos da incorporação das inovações tecnológicas, do reconhecimento e aproveitamento das vivências extra-escolares dos alunos com as tecnologias para construir, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas promotoras de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos e da conscientização de toda a comunidade escolar, em especial, os professores e os alunos, da importância da tecnologia para o desenvolvimento social e cultural.

As representações construídas pelos alunos, iniciantes e concluintes, dessas localidades, utilizaram, preponderantemente, as metáforas como base de suas representações, embora, a finalidade de uso envolvendo a busca de informações e conhecimento e o cunho descritivo tenham se sobressaído nos registros. Filtrando-se as representações, o livro surge vinculado ao conhecimento, para os alunos ele ainda se constitui como a fonte desse material, que é lido, interpretado, buscado, adjetivado, descrito, reescrito, simbolizado e que proporciona lazer.

Jodelet (1989:43-44) afirma que representação social é uma forma de conhecimento prático, que conecta um sujeito a um objeto, empregada para agir

no mundo e nos outros, sendo resultado da interação e comunicação de seus criados em seu meio social específico. Essa afirmação pode justificar a variedade de representações apresentadas sobre o livro, haja vista que foram construídas por pessoas diferentes, inclusas em meios sociais também diferentes, que se orientam em seu mundo social, segundo valores, idéias e práticas convencionadas em cada realidade. Justifica também, a existência de alguns desacordos com os discursos exteriores ao grupo estudado, pois cada grupo social possui suas concepções, crenças, idéias, pensamentos, que, muitas vezes, divergem parcial ou totalmente daquelas inerentes a outro grupo social

As representações construídas sobre a televisão, pelos alunos iniciantes, tanto na capital como no interior, foram diversas, mas as preponderantes foram vinculadas aos programas televisivos, haja vista os percentuais iguais e maiores do que a somatória de todas as outras categorias. Essa preponderância fica evidente, quando novelas, jornais, desenhos, filmes são enunciados sugerindo o vínculo do uso da televisão à questão do entretenimento e do acesso às informações. O pressuposto é confirmado pelo fato da diversão ter sido também apontada como uma representação bastante significativa.

Interessante a representação indicada por um aluno *“lazer, apenas quando não se possui alternativas”*, pois ela deixa entrever uma contraposição, que coloca a televisão em uma posição de segundo plano, em termos de sua utilidade.

As adjetivações como, *“desligada, tédio, uma imagem de pouco interesse, uma imagem pronta e acabada”*, dadas à televisão pelos alunos, mais uma vez, corrobora com a idéia de que esse meio de comunicação está perdendo espaço para outras mídias, muito embora ainda para poucos seja considerada como *“algo necessário, mas não essencial”*. Talvez, essa representação seja produzida em virtude da qualidade dos programas televisivos da atualidade, os quais têm sido alvo de críticas por muitos.

As associações de cunho descritivo, em sua maioria, restringiram-se às imagens, cores. O significado da televisão para os alunos foi também, expressado por palavras como *besteira, descanso, aparelho televisor*. A associação com *“pessoas famosas”*, no plano do simbólico, pode ser traduzida pela percepção da dicotomia entre o tangível e o intangível, haja vista as imagens que são veiculadas por esse meio de comunicação, sempre contrapõem fama, riqueza, beleza e sucesso com as mazelas sociais. É válido o destaque para a representação *“um*

bonito quadro no meio da sala”, sinônimo de algo belo, mas inerte, com função de ornar um ambiente.

Dado interessante foi o percentual mínimo de representações atreladas ao conhecimento e cultura encontrado em Moju e a total ausência de indicativos pelos alunos de Belém. Situação parecida ocorre em relação à busca de informações, ou seja, a televisão, na atualidade, não é vista, pelos depoentes, como uma importante fonte de informação e conhecimento. Houve a época em que ela ofuscou o rádio, hoje a sua importância está sendo minimizada por outras mídias.

As representações sobre a televisão para os alunos concluintes de Paragominas e Belém estão relacionadas, com maior intensidade, aos programas televisivos, embora, para os alunos da capital do Estado, as de cunho descritivo também, tenham sido presentes. Para os alunos de Vigia, as representações indicativas de lazer e busca de informação foram preponderantes em detrimento dos programas televisivos.

Para os alunos, a televisão ainda proporciona lazer, embora a qualidade do mesmo seja questionável. As imagens construídas sobre ela, em nada a favorecem, pois deixam óbvio que esse meio de comunicação já não possui a mesma relevância de antigamente, situação corroborada por representações como *“entretenimento de péssima qualidade”*, *“distração alienante”*.

A localização do aparelho televisor na residência dos informantes se constituiu como base para a construção de imagens de cunho simbólico, tal como *“sala de casa”*. Mas, representações como *“uma TV fora de ar, chiando”*, *“objeto de decoração”* e *“quando eu não tenho nada para fazer”*, patentificam que a época áurea da televisão está em declínio acentuado, pois atualmente, compartilha com outras mídias, o lugar em que antes, reinava absoluta. Tb parece mostrar que a qualidade da transmissão, som e imagem, prometida na TV Digital é um dado que pesa. Vamos acrescentar tentando atender a recomendação da Mamede: Indo mais além, é possível pressupor que as vantagens prometidas pela TV Digital, em termos de qualidade de transmissão, som e imagem influenciam a construção de tais representações.

Tabela 49 – Quantitativo dos registros categorizados – televisão

TELEVISÃO CATEGORIAS	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELÉM	MOJ U	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
ADJETIVAÇÃO	08	03	04	02	-
DESCRIÇÃO	06	04	07	01	01
F. U. CONHECIMENTO/CULTU RA	-	03	-	04	02
F. U. FUNCIONAL	03	07	-	-	01
F. U. LAZER	10	02	02	08	03
F. U. PESQUISA/BUSCAR INFORMAÇÃO	03	02	-	07	02
SÍMBOLO	06	04	05	05	03
PROGRAMA/TÍTULO	36	37	09	06	15
NR	-	01	-	-	-
TOTAL	72	63	27	33	27

Os alunos dessas localidades utilizaram, preponderantemente, os programas televisivos como suporte de suas representações, exceto os de Vigia, que privilegiaram o lazer como finalidade do uso do instrumento. São poucas as ocorrências, nas quais a televisão é representada pela busca de conhecimento (2%) e informações (6%), ela está atualmente sendo vinculada ao lazer (Tabela 49).

Comparando as representações construídas para o livro e a televisão, observamos que diferentemente da última, o livro ainda se constitui para os alunos fonte de conhecimento e informações. As imagens veiculadas pela televisão suscitam o sentimento de irrealidade, no sentido de alcançar coisas, posições, poder enquanto, no caso do livro essa irrealidade na forma de imaginação, torna possível o irreal, o inatingível.

As associações construídas pelos informantes, em sua maioria, tanto de Belém como de Moju, apresentam um caráter de adjetivação. Tais adjetivações atribuídas ao computador são direcionadas a rapidez como os informantes têm acesso às informações, a utilidade do instrumento tecnológico para os estudos, sendo o mesmo traduzido como facilitador no desempenho de tarefas e trabalhos. As associações ressaltam a necessidade da máquina nos tempos atuais, que se caracteriza pela explosão de informações.

A assertiva “*Algo caro e chique*” enunciada por um aluno do interior sobre o computador manifesta a impossibilidade de aquisição desta máquina por ele, que é corroborado pelo percentual significativo de alunos que não possuem

computador em sua casa. O computador é descrito pela sua própria imagem, como “uma caixa eletrônica, onde se encontra de tudo”, na qual a forma e função estão nela representadas.

Foi mínima a representação do computador enquanto instrumento que proporciona entretenimento. Em contrapartida, foram frequentes as associações aos trabalhos acadêmicos, bem como ao eixo norteador da composição dos mesmos, que é a pesquisa, bem explícito no enunciado “Ajuda a complementar uma pesquisa mais global do assunto desejado”

É interessante como, para os discentes, o computador e internet parecem ser a mesma coisa. Ao associarem o computador ao mundo deixam implícita a existência da internet, pois somente com a conexão é realizada a percepção do vasto mundo. O mesmo acontece em relação às representações vinculadas aos MSN, orkut, email e sites, cujo acesso depende da conectividade. Essa situação fica evidente quando o computador é representado pela internet.

Tabela 50 – Quantitativo dos registros categorizados – computador

COMPUTADOR CATEGORIAS	ALUNOS INICIANTES		ALUNOS CONCLUINTEs		
	BELÉM	MOJU	BELÉM	VIGIA	PARAGOMINAS
ADJETIVAÇÃO	15	14	01	13	06
DESCRIÇÃO	01	04	09	01	-
F. U.	02	02	01	08	02
CONHECIMENTO/CULTURA					
F.U. COMUNICAÇÃO	01	-	05	-	01
F. U. LAZER	02	01	01	-	-
FU TRABALHO	05	07	02	-	02
F. U. PESQUISA/BUSCAR	05	05	04	06	02
INFORMAÇÃO					
SÍMBOLO	06	02	04	04	03
SISTEMA/COMUNICAÇÃO	08	-	-	-	01
FU ORGANIZAÇÃO	01	-	-	-	-
PROGRAMA QUE EXECUTA	09	03	03	01	01
TAREFA					
PROGRAMA/COMUNICAÇÃO	04	07	05	-	-
USO COMO FERRAMENTA	02	01	01	-	-
(GÊNERO)					
GÊNERO	-	-	-	-	03
TOTAL	61	46	36	33	21

As imagens sobre o computador criadas pelos informantes em fase de conclusão do curso, em sua maioria, denotam a intenção dos criadores em descrever e adjetivar a máquina. Dentre essas, merecem destaque “uma caixinha de pandora” e “liberdade de acesso e informação de acordo com a minha necessidade” que remetem ao reconhecimento das inúmeras possibilidades de

avanço no estudo e trabalho, oriundas do uso e domínio do instrumento tecnológico.

O entrelaçamento da máquina com a internet apresentou-se bem firmado no enunciado de cunho simbólico “*alguém conectado a internet*”, e quando o computador está associado a imagens que são pertinentes a internet, como no caso dos programas de comunicação.

Em todas as representações é perceptível o entrelaçamento do instrumento com a rede mundial de informações – a Internet. O computador é apenas o aparelho eletrônico, tal como qualquer outro, com finalidades de uso definidas, mesmo assim, suas representações divergem do real (Tabela 50).

Para a Internet, a construção de associações pelos informantes de Moju e Belém apresenta uma incidência maior no âmbito da pesquisa, validando o fato de que o acesso ao mundo virtual para os informantes é sinônimo de busca de informações.

Dentre as adjetivações atribuídas à internet se destacam: a rapidez e a agilidade no acesso às informações e a utilidade do instrumento tecnológico para os estudos e trabalho. Essas adjetivações também foram atribuídas ao computador, sugerindo que os informantes interligando computador/internet, pensam neles como se fossem um único elemento, talvez por causa da dependência existente entre eles.

Tabela 51 – Quantitativo dos registros categorizados – internet

INTERNET CATEGORIAS	ALUNOS INICIANTE		ALUNOS CONCLUINTE		
	BELEM	MOJU	BELEM	VIGIA	PARAGOMINAS
ADJETIVAÇÃO	10	6	4	9	3
DESCRIÇÃO	4	2	-	1	2
F. U.	4	4	2	-	10
CONHECIMENTO/CULTURA					
F.U. COMUNICAÇÃO	4	3	4	5	-
F. U. LAZER	8	8	1	-	-
F.U. FUNCIONAL	1	-			
F. U. PESQUISA/BUSCAR	15	14	9	14	11
INFORMAÇÃO					
FU TRABALHO	1	-			
SÍMBOLO	4	1	4	3	-
PROGRAMA QUE EXECUTA	4	8	5	1	2
TAREFA					
PROGRAMA/COMUNICAÇÃO	8	10	3	1	8
USO FERRAMENTA	-	2			
TOTAL	63	56	32	34	36

As assertivas como *“algo bem mais democrático que a TV”* e *“Pessoas agitadas, loucas por informação”* sugerem visões bem pertinentes a realidade contemporânea, que requer a inclusão social de todo e qualquer cidadão, para que o mesmo possa gozar de seus direitos, bem como atentar para seus deveres. Para a concretização disso, é preciso que o cidadão esteja antenado com o que acontece no mundo, gerando a agitação pela busca das informações. A comparação com a televisão é bem profícua, se for considerado que essa mídia emite notícias e imagens para os telespectadores, sem a interação que a internet proporciona aos internautas.

Os discentes descrevem a Internet como um suporte cujo manuseio precisa ser dominado a fim de que múltiplas tarefas sejam desenvolvidas. É interessante como associam computador/internet, entrelaçando-os como se fossem a mesma coisa. A representação para o uso da internet com a finalidade de efetivar comunicação surge associada à interação, não aquela face a face, mas a virtual, a de maior amplitude, tal qual a descrita na assertiva *“possibilidades de interagir com pessoas do outro lado do mundo”*.

O estudo e o próprio conhecimento foram representações mais presentes para a internet como meio de acesso a cultura e ao conhecimento. O mesmo acontecendo com diversão e entretenimento, para a mesma com a finalidade de proporcionar lazer.

A representação simbólica da internet perpassou pela imaginação de um informante que a associou à possibilidade oriunda do mundo virtual de *“viajar em outros lugares e com outras pessoas interessantes”*. Outras associações interessantes foram *“globalização”* e *“mundialização dos conhecimentos”*, dando destaque para a amplitude da virtualidade.

Email, MSN e orkut foram representações freqüentes dadas a internet enquanto programa viabilizador de comunicação, tal como os sites enquanto programas executores de tarefas. A internet, para os informantes das turmas pesquisadas, representa a fonte de informações, *“um mundo cheio de conhecimentos e lazer”*, *“um mundo de possibilidades, cores, imagens, sons, etc.”*. Tais imagens induzem à pressuposição de que a internet é uma conquista tecnológica, traduzida pelas redes de informação, que interligadas, proporcionam à população mensagens quase instantâneas.

O acesso aos recursos da informática induziu a associação do poder econômico ao conhecimento e à capacidade de produzir continuamente novos conhecimentos. Assim, na sociedade da informação, a internet, com eficácia e rapidez, encurta distâncias, tornando possível a comunicação em tempo real (Tabela 51).

O que se pode observar, da análise dessas experiências, é que, por trás das nomeações dadas às formas de se relacionarem com as novas tecnologias e formas organizativas do sistema de ensino que experimentam como discentes de cursos de licenciaturas, é possível encontrar-se uma rede de relações, práticas e concepções. Como disse Drumond: “As palavras têm mil faces secretas sob a face neutra e pergunta: “Trouxeste a chave?”

O princípio de educação proposto por Brandão⁵³ afirma que:

Esparramados pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura de grupo - têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica (p. 20-1).

Por isso, o interesse desta investigação que amálgama letramento digital e formação discente nas licenciaturas da UEPA é firmado no entendimento de que a relação posta entre a função social da universidade e como ela a tem desempenhado, em especial nas licenciaturas, coloca em destaque as relações de poder e conhecimento que fundamentam as lógicas organizativas do sistema de ensino e que se expressam na gestão, no currículo, na mediação pedagógica e em outras tantas práticas presentes em instituições desses Cursos. Também reflete as mudanças em torno do tempo, dos espaços e das lógicas de intervenção do estado. Sendo a educação referenciada pelos valores da época, sociedade ou classe social, a construção dos padrões desejáveis se tem dado a partir de interesses, aspirações, projetos e ideais de grupos socialmente definidos.

No entanto, é preciso atentar para o fato de que, na atualidade, a expansão do tempo se dá não só no sentido adiante, mas principalmente no sentido da lateralidade, ou seja, o da concomitância dos acontecimentos. Decorre daí uma nova forma de se aprender o novo, cuja produção depende muito mais das inovações científicas e tecnológicas do que da elaboração de um grande projeto social, com características universais, aplicável a toda a humanidade.

⁵³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

4.2.4 Desconexas conexões

Tal como na Pesquisa JER, na pesquisa atual, houve um desdobramento do objetivo do estudo em objetivos específicos. Naquela, foram objetivadas possíveis articulações entre as apropriações e interações dos jovens no uso da Internet e os campos de representação que faziam dela. Em meu estudo, objetivei, também, possíveis articulações, só que entre as matrizes curriculares, em específico a do Curso de Letras, a formação docente desenvolvida, tendo como foco o letramento digital, representado pela apropriação e manuseio das novas tecnologias, bem como as representações construídas pelos alunos sobre o computador e a Internet, tendo como contraponto o livro e a televisão.

A pesquisa *Jovens em Rede* teve como ponto de partida os dados coletados e analisados de duas pesquisas anteriores *O Jovem e o jornal impresso*⁵⁴ e *O Jovem e a TV*⁵⁵ que pontuaram a existência de uma estreita “relação entre o material veiculado por esses meios de comunicação e a construção do conjunto de valores e problemas apontados pelos jovens urbanos”, além da comprovação de que a Internet, para eles, se constituía como mídia concorrente do jornal impresso e da televisão. A investigação por mim realizada teve como ponto de partida os resultados da pesquisa JER no concernente ao letramento digital e às representações sobre a Internet construídas pelos alunos, foco de atenção da pesquisa *Jovens em Rede* e, também, de meu estudo, à medida que a minha intenção foi a de caracterizar o perfil dos futuros professores, no que tange à relação deles com as tecnologias.

Embora realizadas em regiões brasileiras diferentes – Rio de Janeiro e Pará os resultados das duas investigações apresentam similaridades. A primeira é respondida pelo fato de ambas emergirem de estudos anteriores, os quais serviram de eixos norteadores para o desenvolvimento das mesmas e fontes de estímulos para o aprofundamento das temáticas escolhidas. Outras similaridades iniciais recaem na aplicação do mesmo instrumento de pesquisa, resguardando-se as adaptações à realidade paraense como também, pelo tipo de estudo e universo das pesquisas.

⁵⁴ Cf. MAMEDE-NEVES, M.A.C.; PEDROSA, S.M.; FIGUEREDO, A.V. *O jovem e o jornal: ecos de uma pesquisa*, Rio de Janeiro: Publit, 2007.

⁵⁵ FERRAZ, E. *Recepção Universitária*: um estudo do Jornal Nacional, Alceu, v. 5 n.10, jan/jul 2005p. 187-201.

O contexto da investigação Jovens em Rede foi a PUC-Rio, mais especificamente, os cursos de graduação da instituição de ensino superior. Ela abrangeu duas etapas, uma de cunho exploratório, que permitiu a “caracterização dos estudantes não só em relação ao seu perfil social, mas também quanto à familiaridade com o uso de tecnologias digitais e as representações que têm de algumas mídias” e outra de inspiração etnográfica, na qual foi utilizada a técnica dos grupos focais⁵⁶ à semelhança do caminho metodológico trilhado pela pesquisa italiana Screen Genetation⁵⁷, contextualizada à realidade brasileira, considerando a “Internet e seus significados quanto aos objetivos e frequência de uso pelos jovens, seu alcance, sua influencia no cotidiano e sua apropriação, no que se refere à complexidade e à representação”.

Já o contexto da realizada no Estado do Pará foi a UEPA, mais especificamente o curso de graduação em Letras. Esta, norteadada pela pesquisa JER, foi um estudo de cunho exploratório, que objetivou a caracterização do perfil dos futuros professores, no que tange à relação deles com as tecnologias. Contemplou, além de um mapeamento dos estudos já realizados sobre o entrelaçamento da educação e tecnologia, com enfoque na inserção do letramento digital na formação de futuros professores, uma análise documental, tendo como fontes diretas o Regimento Geral da UEPA e os PPP dos cursos de licenciatura ofertados por essa instituição de ensino superior, com o objetivo de identificar indícios da inserção do letramento digital nessas propostas de formação, em especial, a do Curso de Letras.

As similaridades continuam em relação aos sujeitos envolvidos, pois se na JER, foram envolvidos os alunos ingressantes no espaço acadêmico durante o processo de matrícula do ano de 2006, na pesquisa realizada no Pará, a posição de sujeitos da investigação foi ocupada pelos alunos iniciantes no ano de 2008 e os prováveis concluintes no ano de 2009 no Curso de Letras da UEPA. O objetivo da

⁵⁶Grupo Focal – técnica de pesquisa que produz dados por meio das interações grupais, tendo como pano de fundo a discussão de um tópico especial sugerido pelo pesquisador.

⁵⁷ Screen Genetation – pesquisa realizada pelo Grupo Omero, coordenado pelo prof. Píer Cesare Rivoltella, da Università Católica de Sacro Cuore de Milão, Itália, a qual buscou identificar orientações e modelos pedagógicos significativos que apoiassem os atores envolvidos no processo educativo – professores, educadores, pais – no desenvolvimento de práticas educativas sobre os usos da Internet, na ótica da autonomia, da responsabilidade e sabedoria a cerca das implicações da rede para os usuários mais jovens.

escolha pelos egressos do ensino médio foi o mesmo para as duas pesquisas, pois recaiu na obtenção de dados que refletissem os hábitos de uso da Internet antes do ingresso no espaço acadêmico. A diferença nesse item foi pontuada pela inserção do grupo de alunos concluintes na pesquisa por mim realizada, com o objetivo de verificar se a formação ofertada garante um desenvolvimento aprofundado das práticas digitais.

Em relação aos procedimentos realizados para a produção dos dados, a similaridade coube à aplicação do instrumento da pesquisa, embora com objetivos distintos. No JER essa aplicação foi realizada no ato da matrícula do primeiro período dos alunos na PUC-Rio. Na pesquisa por mim desenvolvida, a aplicação do instrumento aconteceu em momentos diferentes, haja vista que o *lócus* da pesquisa abrangeu Belém, Moju, Vigia e Paragominas. Os alvos da aplicação do instrumento, tanto no JER quanto no meu estudo, foram reunidos em dois grupos, ou seja, na primeira, considerando a forma de entrada, os alunos foram divididos em dois grupos, os oriundos do vestibular tradicional ou do ENEM⁵⁸ e os selecionados pelo PROUNI⁵⁹ e, na outra, com base na situação acadêmica dos alunos, foram constituídos dois grupos, os iniciantes no ano de 2008 e os prováveis concluintes do curso no ano letivo de 2009.

Enquanto o JER trabalhou com 61,85% da população dos universitários que estavam ingressando nos cursos de graduação da PUC-Rio, no ano letivo de 2006, os quais somatizaram 965 alunos, provenientes dos mais diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, em meu estudo trabalhei somente com o Curso de Letras, com uma população de 150 alunos, 41% residente na capital e 59% distribuído entre iniciantes e concluintes.

Vale ressaltar que na PUC-Rio é corrente a cultura cibernética, fato comprovado pela disponibilização de endereços eletrônicos pessoais para todos os alunos e a oferta de espaços computacionais, como forma de facilitar e incentivar a interação na cibercultura, o que foi decisivo na pesquisa JER quando da escolha do grupo estudado, pois, estando eles ainda sem a influência efetiva da cultura cibernética presente na instituição, seria o contingente mais adequado ao objetivo traçado, no referente à coleta de dados que refletissem os hábitos de uso da

⁵⁸Exame Nacional do Ensino Médio.

⁵⁹Programa do Governo Federal que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior.

Internet antes do seu ingresso na cultura universitária. Para a realidade institucional paraense, a escolha por turmas iniciantes e concluintes considerou a existência de influências na formação dos alunos, oriundas do uso da tecnologia disponibilizada na instituição de ensino para o uso discente; a opção por turmas com localizações diferenciadas, capital e interior, pautou-se na diferenciação das realidades, tanto social como acadêmica.

Se no JER o grupo era composto de 51% de mulheres e 49% de homens, com idade entre 17 a 19 anos, em meu estudo a população feminina foi bastante predominante, pois coube ao sexo oposto o percentual de apenas 20% do contingente. Um dado a ser ressaltado incide no item idade, pois no Pará, houve um predomínio da faixa etária entre 16 a 19 anos para a entrada no espaço acadêmico, embora 20% dos alunos iniciantes estivessem inclusos na faixa etária correspondente a 20 ou mais anos de idade, configurando assim que sempre é hora de buscar uma formação superior. Já em relação aos concluintes, o predomínio da faixa etária entre 20 e 22 anos foi coerente em relação à idade de ingresso e o tempo mínimo de integralização curricular.

Em relação ao que os jovens fazem em seu tempo livre, entre os alunos do GRUPO A⁶⁰ do JER, a preferência entre o uso do rádio, livros, revista, televisão, computador, coube ao computador, dado semelhante obtido entre os alunos concluintes de Belém. Já a preferência do uso da televisão pelos alunos oriundos do PROUNI é semelhante para os alunos iniciantes, seja da capital ou do interior, como também para os concluintes das cidades interioranas. Para os integrantes do Grupo A, o meio de comunicação preferido no tempo livre foi o computador.

Para o JER foi constatada a naturalização do computador, embora o uso da televisão se tenha feito presente. O mesmo não posso afirmar para a realidade do Pará; entretanto, é interessante notar que a preferência pela televisão pelo alunado paraense, principalmente, daquele que reside no interior do Estado é semelhante à dos alunos oriundos do PROUNI/PUC-Rio, sendo possível pressupor que a situação sócio econômica influencia a realidade dos alunos, pois relacionando esses dados com a questão sobre ter ou não computador em casa, obtive resultados

⁶⁰Grupo constituído por alunos com entrada na PUC - Rio por via convencional televisão, seguindo a preferência, situação invertida no caso dos alunos do PROUNI. Essa inversão de preferência não aconteceu no Pará, pois somente para os alunos iniciantes de Belém e concluintes de Paragominas o computador surge como segunda opção na preferência dos alunos, lugar ocupado pelos livros para os demais alunos.

semelhantes ao do JER entre os alunos do GRUPO A e os do PROUNI, em termos da falta de condições financeiras para a aquisição da máquina. No Pará, 57,3% dos alunos entrevistados possuem computador em casa, embora 61,6% desse percentual sejam residentes na capital do Estado, ou seja, a parcela maior do quantitativo dos não possuidores de um computador está alocada no interior do Estado, onde as mudanças das realidades sociais não acontecem com a mesma velocidade da circulação das informações e o acesso às novas tecnologias ainda não se faz presente, de forma consolidada.

Para os alunos envolvidos na pesquisa JER, as novas mídias já se encontram integradas em seu cotidiano, pois nem o fato de não possuir computador em casa, impede o jovem de utilizar os recursos computacionais e virtuais. Assim, para eles, o computador, a televisão e os jornais se constituíam, no momento da pesquisa, como fontes confiáveis de informação. Para os alunos envolvidos em meu estudo a liderança nesse item coube à televisão, seguida pelos jornais, principalmente para os residentes no interior, embora essa mídia não tenha circulação consolidada nas regiões estudadas. O computador só ocupou o lugar de líder para os alunos concluintes residentes na capital do Estado.

Os dados relativos sobre a preferência de estudo de um assunto em versões diferentes indicam que a leitura nos moldes tradicionais convive com a leitura virtual, mesmo que, em ambas as pesquisas, a preferência recair sobre o uso do livro didático tradicional, mas sempre seguida dos sites da Internet, dado interessante que induz a pressuposição de que as tecnologias se completam, mesmo que cada uma tenha configuração própria, com apelos diferentes.

Um dado similar entre as pesquisas surgiu no estudo em material fotocopiado, pois se esse tipo de estudo, na pesquisa JER só é desejado apenas por 3 a 4 % dos jovens, no Pará, esse percentual atingiu apenas 5% da população envolvida, o que me fez comungar com a afirmação já enunciada de que “a imensa maioria rechaça esta possibilidade”.

Em ambas as pesquisas foi constatado que o conhecimento do manejo do computador e da navegação na Internet, entre os nossos informantes, do mesmo modo que o tempo de uso do computador para os alunos do Grupo A do JER coincide com o tempo declarado pelos alunos iniciantes e concluintes da capital. Provavelmente, as diferenças observadas entre o tempo de uso declarado por esses alunos e pelos oriundos do PROUNI, bem como pelos iniciantes e prováveis

concluintes do interior envolvidos em meu estudo sejam devidas às condições financeiras de cada grupo.

Tanto em um como no outro estudo, não foram encontrados vestígios de analfabetismo digital, que para o senso comum parece ser inerente às classes com menos acesso ao capital financeiro ou cultural. O enunciado inscrito no Relatório Final da pesquisa *Jovens em Rede* (2008) descreve a situação de forma bastante clara:

Com a idade predominante de 17 a 19 anos, todos nasceram junto com o surgimento da Internet comercial, com a difusão do uso do computador, dos vídeos-game. Enfim, se não podemos considerá-los totalmente nativos dessa era, também não podem ser considerados totalmente imigrantes, como certamente ainda são seus professores (p.19).

Na pesquisa JER, mais da metade dos envolvidos aprendeu sozinho a usar o computador e a Internet, embora 20 % tenham aprendido com amigos. Esse resultado foi semelhante ao encontrado, em meu estudo, entre os alunos iniciantes da capital, mas divergiu entre os demais grupos, que buscaram nos cursos os conhecimentos necessários para uso e manejo do computador e Internet, sem, no entanto, recusar a ajuda de outras pessoas, alternativa assinalada por eles como segunda opção para o questionamento.

Dados na pesquisa JER, indicam que o computador para os jovens universitários, é considerado “como uma tecnologia da informação com grande potencial de auxiliá-los nas tarefas vinculadas ao estudo, a pesquisa e ao trabalho”, apesar da maioria saber utilizá-lo, fazendo uso do mesmo há bastante tempo, embora não o façam com frequência. Já em meu estudo, o uso do computador para a realização de tarefas de trabalho ou de estudo, seja para os alunos iniciantes e concluintes, das várias localidades, acontece de forma freqüente ou sempre.

“Frequentemente” seguida de “sempre” foram as opções apontadas pelos alunos envolvidos na pesquisa JER, que obtiveram maior porcentagem no que tange ao uso do computador no tempo livre. Essa situação, em meu estudo, apresentou algumas diferenças, pois se para os alunos iniciantes da capital e os concluintes de Belém e Vigia a alternativa assinalada foi “frequentemente”, já para os iniciantes do interior e os concluintes de Paragominas, a opção assinalada foi a “raramente”, no caso dos alunos concluintes.

A maioria dos alunos que ingressou na PUC-Rio demonstrou ter uma atitude de curiosidade diante do computador. O mesmo resultado foi obtido em meu estudo, valendo ressaltar que tais dados são coerentes com o fato de que quase todos os alunos entrevistados sabem usar o computador, mas revelam um contraste em relação à preferência dos alunos pelo livro didático tradicional ao site da Internet. A postura de forte expectativa foi a segunda opção mais indicada em ambos os estudos, demonstrando que os alunos acreditam na eficiência dessa tecnologia para a realização de tarefas relacionadas ao lazer, pesquisa, estudo, informação.

Em relação à mudança de postura depois que o computador passou a serem utilizados, os resultados em ambos os estudos foram iguais, visto que a alternativa “mudou para melhor” foi a mais assinalada pelos alunos, o mesmo acontecendo com a principal razão indicada para a compra do computador, que incidiu na necessidade de estudo e/ou trabalho das pessoas em casa. A similaridade continuou nos resultados do questionamento sobre o quantitativo de computadores em casa, o qual incidiu em um percentual maior para a existência de uma única unidade.

Interessante é o resultado sobre a alocação do computador em casa, pois a realidade apontada pelos alunos do JER recaiu no quarto, enquanto para os envolvidos em meu estudo, não existe um lugar fixo de localização para a máquina, embora a realidade apontada encontre-se dividida entre os espaços da sala e do quarto.

O compartilhamento do computador para todos os envolvidos nas pesquisas é realizado com outras pessoas, com as quais os mesmos possuem familiaridade, sendo utilizado como critério para o uso, a necessidade pessoal, seguida pela alternativa que indica o não estabelecimento de regras. Tais dados indicam que o compartilhamento do instrumento tecnológico é uma prática usual entre os alunos, independente, da etapa do percurso acadêmico.

Para os alunos do JER, o uso do computador trouxe mudanças para melhor, no referente ao cotidiano, lazer, estudo e relações interpessoais. Em meu estudo, esse resultado só se confirmou de forma plena, para os alunos iniciantes, pois para os concluintes, só houve mudanças para todos e para melhor nos itens relativos ao dia a dia e ao estudo, pois no item lazer as mudanças foram para melhor para os alunos da capital e da cidade de Paragominas, nada mudando para os de Vigia, assim como para no item relativo às relações interpessoais, nada

mudou para os da capital e de Vigia, mas trazendo mudanças para melhor para os alunos do município de Paragominas.

Inquiridos sobre a navegação na Internet, a totalidade dos alunos envolvidos na pesquisa JER, utilizam a internet, mesmo não tendo computador em casa. Tais resultados também foram encontrados em meu estudo, o mesmo não acontecendo com os dados obtidos em relação à frequência de acesso a Internet, pois para os alunos do JER, o percentual maior é de quem acessa a internet todos os dias, enquanto em meu estudo, essa frequência só é encontrada entre os alunos iniciantes da capital e conluentes de Belém e Paragominas; para os demais coube a alternativa que indica o acesso em uma frequência de duas ou três vezes por semana.

Em relação ao local de acesso a internet, para a maioria dos estudantes da PUC-Rio é realizada em suas casas, embora no caso dos alunos do PROUNI tenha havido a indicação desse acesso em outros ambientes. Para os alunos residentes em Belém, envolvidos em meu estudo, o lugar de maior acesso é a residência dos mesmos, embora seja também realizado em outros locais, principalmente por aqueles que não possuem computador em casa. Para os alunos residentes no interior, que em sua maioria não possui o instrumento em casa, realiza esse acesso em outros ambientes.

A leitura dos resultados encontrados na pesquisa JER sobre a finalidade de uso da Internet, entre os alunos do GRUPO A, indica que essa ferramenta é muito utilizada para efetivar a comunicação entre as pessoas, alternativa seguida pela busca de informações e lazer. A diferença ficou por conta da ordem de preferência dos alunos oriundos do PROUNI, que indicaram a busca de informações, seguida pelo estudo e pela comunicação entre as pessoas e apresentaram uma baixa porcentagem para os trabalhos profissionais e lazer. Os resultados obtidos em meu estudo indicam que as finalidades do uso da Internet gravitam em torno do estudo, busca de informações e a comunicação entre as pessoas, se diferenciando em termos de ordem de preferência nas quatro localidades estudadas.

Os serviços que os jovens da pesquisa JER disseram usar com maior regularidade abrangem os sites de pesquisa, o correio eletrônico e os programas de troca de mensagens. Tais resultados foram também encontrados em meu estudo, confirmando assim, a presença do computador no cotidiano dos alunos.

Em relação aos aspectos significativos para a compreensão dos conteúdos dos sites, a possibilidade de navegação em rede e o contraste fundo e texto foram as opções

que obtiveram maior porcentagem para os alunos do GRUPO A, enquanto para os alunos do PROUNI, se destacaram como a quantidade de texto em cada tela e as ilustrações. Em meu estudo, todos os aspectos receberam valoração significativa pelos iniciantes de Moju, o mesmo acontecendo para os de Belém, se destacando como exceções, os itens relativos à quantidade de efeitos e sons. Para os alunos concluintes todos os aspectos indicados são significativos para a compreensão dos conteúdos dos sites. As respostas dadas indicam que os alunos possuem clareza sobre as condições ideais para a compreensão dos conteúdos dos sites.

A leitura dos resultados relativos às ações realizadas concomitantemente com a conexão com a Internet, em ambas as investigações indicou a associação no uso das tecnologias, ou seja, que os alunos executam tarefas diferentes quando navegam na Internet, o que depende dos hábitos de cada pessoa e, também, da realidade na qual se encontram inseridos. A mesma similaridade surge no item relativo ao bloqueio de mensagens publicitárias, todos o fazem mesmo compartilhando a atenção para várias ações.

Interessante como os resultados se assemelham nas duas pesquisas no tocante às mudanças ocorridas com a instalação da Internet em casa. Assim, os alunos do JER vêem menos televisão tal como os alunos iniciantes de Belém, embora os inscritos nos demais grupos vejam televisão como antes. O acesso à música se tornou mais fácil com a internet tanto que os alunos do JER escutam mais músicas depois que colocaram a internet em casa, tal como os iniciantes de Belém e os concluintes de Belém e Vigia, em contraposição com os iniciantes de Moju e os concluintes de Paragominas que escutam música como antes. Talvez possamos inferir que a razão para algumas semelhanças ocorrem devido aos hábitos e costumes característicos da faixa etária dos alunos. A leitura e a saída com os amigos continuam a ser realizadas para todos como antes de haver internet em casa.

A porcentagem dos envolvidos na pesquisa JER, que lembra do tempo da inexistência da Internet em casa, é maior ou igual a dos que não lembram. Resultado diferente ocorre em meu estudo, pois uma parte significativa dos alunos lembra e, aprofunda as respostas caracterizando essa época.

Foi maciço o quantitativo de estudantes da PUC-Rio que disseram já ter visitado o site da instituição, o que pode ser facilmente comprovado, diante da necessidade de ter acesso às informações sobre o vestibular, seus resultados e instruções para a matrícula, muito antes do seu ingresso na instituição. O mesmo

acontece com o site da UEPA, que já foi visitado pela maioria dos alunos envolvidos na pesquisa realizada.

Quase todos os estudantes cariocas que responderam ao questionário, indicaram a crença de que vão utilizar a internet na PUC algumas vezes, durante ou depois das aulas, bem como nos intervalos, apesar das alternativas, como “nunca” ou “sempre” terem sido assinaladas, embora com frequência não significativa. Para os alunos da UEPA, a alternativa “raramente” foi mais freqüente em todos os grupos, seja para o uso da internet durante, depois ou nos intervalos das aulas, atenuada pela alternativa “algumas vezes”, resultado que indica a necessidade da instituição em refletir sobre a inserção da tecnologia digital e suas possibilidades de uso.

Os alunos da PUC- Rio divergem de opinião, quando se referem à existência de regras para o uso da Internet na instituição, tanto que a maioria das respostas aparece distribuída entre os que acreditam e aqueles que não acreditam na existência delas, com destaque para os alunos do PROUNI que apresentaram uma porcentagem mais alta no grupo daqueles que acreditam na existência das regras. A crença na existência de um regulamento na UEPA para o uso da internet é significativa entre os alunos iniciantes e concluintes de Vigia e Paragominas, mas, metade dos alunos concluintes de Belém opinou sobre a existência das regras e a outra metade se dividiu entre não acreditar ou não saber da existência de regras.

Questionados sobre em que tarefas esperam usar a internet, os alunos da PUC apontaram os trabalhos acadêmicos, embora as atividades pessoais também tenham se destacado no âmbito das respostas dos alunos. O mesmo resultado foi indicado pelos alunos da UEPA, no concernente a expectativa de utilizar a internet para a realização de trabalhos acadêmicos.

Perguntados sobre a oferta de melhores condições do uso das tecnologias da informação, os alunos da PUC foram unânimes em enunciar respostas afirmativas, tal como os alunos da UEPA. Os alunos de ambas as instituições consideram muito interessante que professores tenham um maior domínio sobre as ferramentas digitais. Quanto ao item referente à existência de mais disciplinas específicas nas quais fosse ensinado como utilizar o computador e a internet, os resultados indicaram é desnecessária, com exceção dos relativos aos alunos do PROUNI, que permitiu a inferência de que a maioria desses jovens precisa de uma maior familiarização com o computador e a internet. No caso dos alunos da UEPA

esse item foi julgado pelos iniciantes como muito interessante e pelo restante dos alunos, de forma equitativa, como interessante e desnecessário.

Indagados sobre o uso da Internet no ensino médio para complementar o que era dado nas aulas da escola, os alunos da PUC assinalaram com maior frequência as opções “frequentemente” e “raramente”, o que induziu a pressuposição de que a escola pouco incentiva essa tarefa. Essa pressuposição foi corroborada pelas respostas dadas pelos alunos iniciantes e concluintes da UEPA, haja vista que os mesmos assinalaram, como maior frequência, as opções “raramente”, “nunca”.

Os alunos da PUC, em sua maioria, não responderam ao questionamento, talvez, em virtude de não possuírem nenhuma das opções indicadas – blog, site pessoal. Os alunos oriundos do PROUNI priorizaram, tal como os alunos iniciantes e concluintes da UEPA, a alternativa “outros”, demonstrando, de certa forma, que no cotidiano deles, o uso dos recursos da internet se faz presente.

Grande parte dos alunos envolvidos em ambos os estudos respondeu que a internet possibilita a vivência de coisas impossíveis, mas sempre ressaltando que tal ocorrência não deveria acontecer, o que induz a pressuposição de que os alunos estão atentos para o atendimento das normas existentes no meio social.

Analisar as representações construídas pelos alunos sobre o livro, televisão, computador e internet se constituiu no desvendamento de elaborações criadas por eles, em termos substitutivos e interpretativos em relação aos objetos dados. Como as instituições de ensino são realidades diferentes, as condições de aprendizagem também o são, resultando na diversificação das associações construídas.

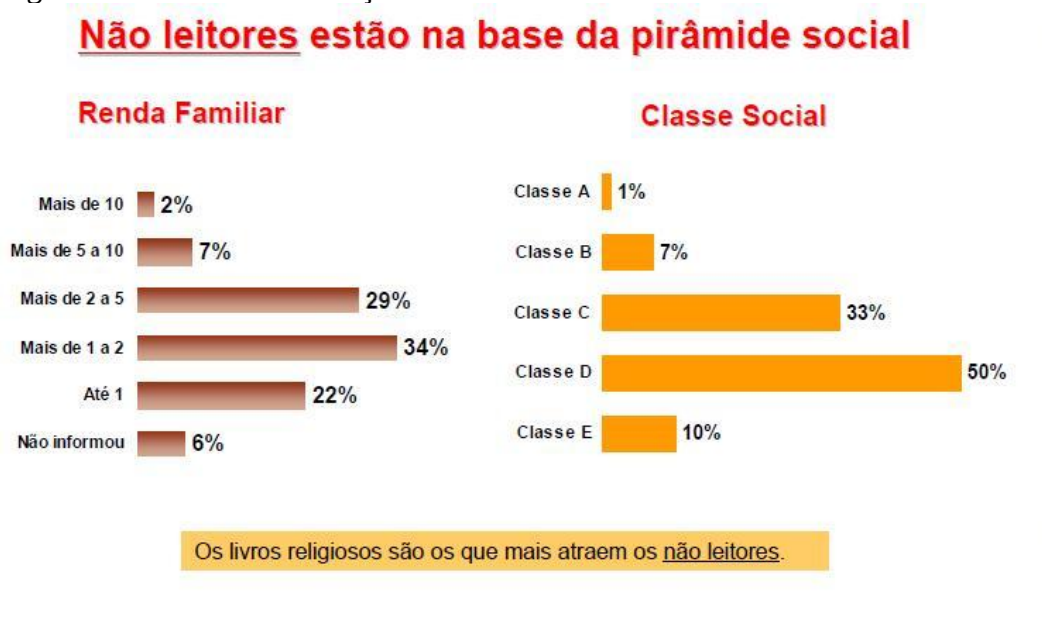
No caso do livro, foram inúmeras as associações feitas, embora, o conhecimento tenha se destacado, nas análises realizadas, como representação mais freqüente, em ambos os estudos. O mesmo ocorreu com a televisão, cujas associações remeteram, em sua maioria, ao vínculo do uso do aparelho televisor a questão do entretenimento e do acesso às informações e, conseqüentemente, a cultura, entendida não só em termos de escolaridade das pessoas. As associações construídas para o computador ressaltam as possibilidades de uso do instrumento tecnológico bem como a necessidade do manejo do mesmo nos tempos atuais.

O livro é representado como o repositório de informações permanentes, enquanto a internet remete às informações instantâneas, transitórias. As representações construídas para a televisão em nada a favorecem, pois indicam

que a importância de ontem, como fonte de informação e conhecimento, foi minimizada com o surgimento de outras mídias, em específico para a internet, o que para os sujeitos dos estudos realizados se constitui no espaço que privilegia a construção de seu conhecimento e possibilita a comunicação, o acesso às informações circulantes e o lazer. Computador e internet, para os informantes das pesquisas parecem ser a mesma coisa, ou seja, um não existe sem o outro, condição corroborada, principalmente, pelas representações de cunho simbólico.

Como, como já afirmado, anteriormente, não há limites geográficos nesse espaço midiático, e isso deve nos fazer refletir sobre implicações culturais em curso sem que as percebamos. Fala-se em cultura global, em que a troca de conhecimento a ser produzida será entre cidadãos a partir de seus interesses específicos. No entanto, os argumentos a favor da inserção digital são insuficientes quando, por exemplo, nos deparamos com dados sobre a educação no Brasil, no que tange a evasão escolar, pessoas que completam 1º grau, pessoas que falam uma 2ª língua, telefones disponíveis etc., e resultados de pesquisas, como é o caso de “Retratos da Leitura no Brasil”⁶¹, que enuncia a alocação dos não leitores na base da pirâmide social, o lugar que a internet ocupa, como suporte, entre os leitores e os lugares onde eles costumam ler livro, conforme Figuras 10, 11 e 12.

Figura 10 – Leitores X situação econômica



⁶¹ Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Disponível para download em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>. Acessado em 07/02/2009.

Figura 11 – O tipo de suporte

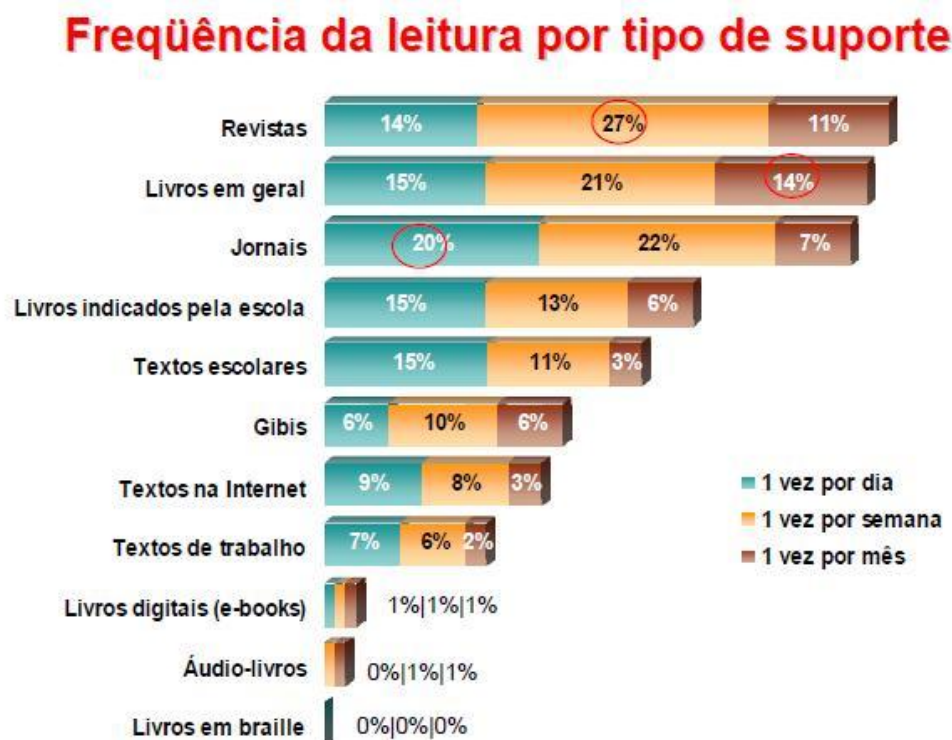


Figura 12 – Lugares onde os leitores costumam ler livro



Esses, na verdade, revelam o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, publicado pela Nações Unidas (ONU) para analisar a qualidade de vida de uma determinada população.

Mesmo com um IDH de 0,813, valor considerado alto, atualmente o Brasil ocupa o 75º lugar no ranking mundial, e a cada ano, o país tem conseguido elevar o seu IDH. No entanto, as disparidades sociais e econômicas no Brasil entre os estados brasileiros são tão grandes que o país apresenta realidades distintas em seu território. O ranking do Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil está exposto no Quadro 4.

Quadro 4 – IDH estados brasileiros

1º - Distrito Federal – 0,874	14º - Rondônia – 0,756
2º - Santa Catarina – 0,840	15º - Tocantins – 0,756
3º - São Paulo – 0,833	16º - Pará – 0,755
4º - Rio de Janeiro – 0,832	17º - Acre – 0,751
5º - Rio Grande do Sul – 0,832	18º - Roraima – 0,750
6º - Paraná – 0,820	19º - Bahia – 0,742
7º - Espírito Santo – 0,802	20º - Sergipe – 0,742
8º - Mato Grosso do Sul – 0,802	21º - Rio Grande do Norte – 0,738
9º - Goiás – 0,800	22º - Ceará – 0,723
10º - Minas Gerais – 0,800	23º - Pernambuco – 0,718
11º - Mato Grosso – 0,796	24º - Paraíba – 0,718
12º - Amapá – 0,780	25º - Piauí – 0,703
13º - Amazonas – 0,780	26º - Maranhão – 0,683
	27º - Alagoas – 0,677

Comparando o IDH do Rio de Janeiro (0,832) com o do Pará (0,755), expostos no Quadro 4, as diferenças socioeconômicas entre eles ficam ainda mais evidentes, sendo que o Rio de Janeiro, local da pesquisa JER, possui melhor Índice de Desenvolvimento Humano, já o Pará ocupa uma das as piores posições.

Sem ignorar as oportunidades de desenvolvimento e qualidade de vida trazidas pelo uso de novas tecnologias, não podemos também desconhecer que a diferença entre aqueles que têm mais e os que têm menos acesso às tecnologias da informação resulta de um déficit econômico histórico, diretamente relacionado às desigualdades sociais, e funciona como um termômetro importante sobre o estágio atual da economia do conhecimento.